







FERNÃO CARDIM

DO PRINCIPIO E ORIGEM

DOS

INDIOS DO BRAZIL

E DE

SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CEREMONIAS



RIQ DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS

1881

EXPOSIÇÃO DE HISTORIA E GEOGRAPHIA DO BRAZIL



HOMENAGEM

DO

Dr. FERREIRA DE ARAUJO

O pequeno tratado sobre os Indios que agora publicamos, ainda não foi impresso em portuguez. Poucas pessoas examinaram-no em Evora, onde está o manuscripto original, e estas o não julgaram, ao que parece, digno de ser posto em circulação.

Os Inglezes não pensaram do mesmo modo: desde 1625 está elle traduzido em sua lingua e faz parte da curiosa e rarissima collecção de Purchas. Foi ahi que o lemos pela primeira vez e reconhecemos o seu interesse e seu valor.

Desde então fizemos o projecto de passal-o novamente para nossa lingua, e de dal-o á luz quando nos fosse possivel. Duas circumstancias felizes facilitaram a realisação deste plano. A primeira foi encontrar cópia tirada do original, que assim dava não só a essencia como a fórma do escripto e nos livrava da traducção, isto é da *traição*. A segunda foi a commissão que nos confiou o Dr. Ferreira de Araujo de publicar á sua custa um trabalho qualquer, que mostrasse a sua sympathia pela Exposição de Historia e Geographia do Brazil, organizada pela Bibliotheca Nacional.

VI

Este tratado dos Indios do Brazil suscita algumas questões que fora conveniente discutir. Passaremos, porém, por todas ellas para nos occuparmos unicamente de uma: quem é o seu autor?

O manuscripto da Bibliotheca de Evora em nada nos esclarece a este respeito porque é anonymo. As poucas palavras com que Purchas acompanha a traducção pouco nos adiantam. Elle attribue o opusculo ao *irmão* Manuel Tristão enfermeiro do collegio dos Jesuitas na Bahia, fundando-se na circumstancia do livro trazer no fim algumas receitas medicinaes, e ter em uma parte escripto o seu nome. Ora esta opinião é insustentavel. O facto de um Mss trazer um nome qualquer, sem outra declaração, provará quando muito que assim se chama o dono do codice. Acresce que um *irmão* na Companhia de Jesus era sempre um rapaz que começava, e não tinha nem podia ter a madurez de espirito e os conhecimentos que aqui se revelam a cada passo,—ou homem feito que, apesar de inapto para a carreira das lettras, possuia outras qualidades que poderiam ser uteis á poderosa Companhia de Jesus. Provavelmente era este o caso do enfermeiro.... Quanto ás receitas por si nada provam: quando muito mostrarão que foram ensinadas pelo enfermeiro.

Estas duvidas quanto á affirmacão de Purchas sobre quem era o autor do livro — affirmacão aliás feita em termos pouco positivos,—cresceram á medida que conhecemos melhor o opusculo traduzido por elle. A cada instante encontravamos phrases e

locuções familiares; a cada passo nos parecia que já tínhamos lido cousa que se assemelhava ao que estávamos lendo.

O autor de quem nos lembrávamos lendo Purchas era Fernão Cardim. E então veio-nos ao espirito uma interrogação: quem sabe si em vez de Manuel Tristão não será Fernão Cardim o autor deste opusculo?

Para chegar a uma solução as provas intrinsecas eram sem duvida valiosas porem não bastavam: ora preciso recorrer antes ás provas extrinsecas.

Felizmente estas não faltavam.

I Diz Purchas que o Mss que reproduz foi tomado em 1601 por Francis Cook a um jesuita que ia para o Brazil. Ora exactamente neste anno, como se pôde ver na *Synopsis* de Franco, o padre Fernão Cardim que voltava para o Brazil da viagem a Roma, foi aprisionado por corsarios inglezes e conduzido para Inglaterra.

II Pela pagina 34 deste opusculo se vê que elle foi escripto em 1584. Ora, neste tempo estava Fernão Cardim no Brazil, onde, como se vê na *Narrativa epistolar* (p. 6) elle chegou a 9 de Março de 1583, em companhia do Padre Christovão de Gouvêa e de Manoel Telles Barreto, que vinha por governador geral.

Estas duas coincidencias davam um fundamento solido á hypothese; mas para tornal-a certa devia se recorrer ás provas intrinsecas, — á comparação dos estylos, ao cotejo das opiniões, etc. No caso presente estas provas tem valor — porque si o

VIII

opusculo aqui publicado é de 1584, a primeira parte da *Narrativa epistolar* de 16 de Outubro de 1585. Escrevendo em dous periodos tão proximos um do outro é natural que, si o opusculo sobre os Indios é da mesma penna que a *Narrativa epistolar*, não só haja conformidade de ideias como tambem de fórma.

Vamos tratar destas provas, mas antes de fazel-o, é necessaria uma observação. Purchas reúne sob o titulo generico de *Treatie of Brasil*, dois trabalhos que se completam e são do mesmo autor. Um é dos Indios que agora publicamos; outro é das arvores, peixes, etc, que, embora interessante, não quize-mos incorporar a este por dois motivos: o primeiro é que na mente do autor elles erão independentes, como se prova pelo facto de no Mss de Evora elles estarem separados; o segundo é que da segunda parte já começou a publicação o Dr. Fernando Mendes na *Revista mensal* da Sociedade de geographia.

Todavia, aqui faremos os cotejos tanto da primeira parte como da segunda, de que o Dr. Fernando Mendes obsequiosamente communicou-nos a copia que possui.

Em cada *oca* destas ha sempre um principal a que tem alguma maneira de obrar... Este os exhorta a fazerem suas *ocas* e mais serviços, etc., excita-os á guerra; e lhe tem em tudo res. peito; faz-lhe estas exhortações pqr modo de pregação, começa de madrugada deitado na rêde por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldêa continuando sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras.

(*Narrativa epistolar* p. 37.)

... pelas madrugadas ha um principal em suas *ocas*, que deitado na rêde por espaço de meia hora lhes prega e admoesta que vão trabalhar como fazião seus antepassados, e distribue-lhes o tempo, e depois de alevantado continua a pregação correndo a povoação toda.

Indios, p. 6,

A semelhança no seguinte trecho não é menos incontestável:

... Dentro nellas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e morão d'uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio e todos ficão como em communidade, e entrando-se na casa se vê quanto nella está, porque estão todos á vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão; e como a gente é muita, costumão ter fogo dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa e elles são mui coltados sem fogo parece a casa um inferno ou labyrintho; uns cantão, outros chorão, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos.

Narrativa p. 36.

Nesta casa mora um principal ou mais, a que todos obedecem e são de ordinario parentes: e em cada lanço destes pouxa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas é ver um labyrintho, porque cada lanço tem seu fogo e suas rêdes armadas e alfaias de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem; e casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

Índios, p. 9.

Compare-se mais o seguinte:

Os pais não tem cousa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem, tem dos pais quanto quer; as mães os trazem em uns pedaços de redes a que chamão typoya, de ordinario os trazem ás costas ou na ilharga escarranchados, e com elles andão por onde quer que vão, com elles ás costas trabalham por calmas, chuvas e frio; nenhum genero de castigo tem para os filhos.

Narrativa p. 40.

Amão os filhos extraordinariamente, e trazem-nos mettidos nuns pedaços de rede que chamão typoya e os levão ás roças e a todo genero de serviço, ás costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos, escarranchados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo.

Índios, p. 10.

Compare-se mais:

E' cousa não sómente nova, mas de grande espanto, ver o modo que tem em agasalhar os hospedes, os quaes agasalhão chorando por um modo estranho, e a cousa passa desta maneira: Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se val deitar em

Entrando-lhe algum hospede pela casa, a honra e agasalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando pois logo o hospede na casa o assentão na rede, e depois de assentado sem lhe fallarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a

sua rede sem fallar palavra, as parentas tambem sem fallar o cercão, deitando-lhe os cabellos soltos, e os braços ao pescoço, lhe tocão com a mão em alguma parte do seu corpo, como joelho, hombro, pescoço, etc., estando deste modo tendo-no meio cercado, começaõ de lhe fazer a festa que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer; chorão todos com lagrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, pai ou mãe; e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que nõo caminho poderia padecer tal hospede, e o que elles padecerão em sua ausencia... Acabada a festa e recebimento limpão as lagrimas com as maos e cabellos ficando tão alegres e serenas como que se nunca chorarão, e depois se saudão com o seu *Ereúpe* e comem, etc.

Narrativa, ps. 38 a 40.

Coteje-se ainda :

— Tem muitos jogos a seu modo, que fazem com muito mais alegria que os meninos portuguezes; nesses jogos arremedam varios passaros, cobras e outros animaes, etc., os jogos são mui graciosos e desenfadiços, nem ha entre elles desavença, nem queixumes, pellejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins e deshonestos.

Narrativa p. 41.

mão na mesma pessoa, e começaõ a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trovadas quantas cousas tem acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras muitas que imaginão, e trabalhos que o hospede padeceu pelo caminho e tudo o mais que pôde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não falla palavra, mas depois de chorarem pôr bom espaço de tempo limpão as lagrimas e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarão e logo se saudão e dão o seu *Ereúpe*, e lhe trazem de comer e depois destas cerimoniaes contão os hospedes ao que vem.

Indios, ps. 10 e 11.

Tem seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arremedam muitos generos de passaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir.

Os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavem por cousa alguma, e raramente dão uns nos outros e nem pejeão.

Indios p. 14 e 15.

Parece-nos incontestavel a identidade fundamental entre os extractos que demos de *Narrativa epistolar* de Fernão Cardim, publicada em 1847 e o tratado dos Indios que agora publicamos. Ha simplesmente duas differenças; a *Narrativa* foi dirigida

a um amigo e nella o autor deixou seu estylo correr mais livremente, desenvolvendo certos pontos de preferencia, referindo-se a objectos conhecidos pelo seu leitor; no opusculo sobre os Indios elle é mais conciso. Além disso a *Narrativa* tratava dos Indios apenas como accidente da viagem, como adorno da paisagem; no *Tratado*, os Indios são o objecto principal, e assim os esclarecimentos são mais condensados e encadeados uns aos outros.

Vamos dar mais dous excerptos da segunda parte que o Dr. F. Mendes começou a publicar na Revista da Sociedade Geographica. Servir-nos-emos do seu Mss., porem, como ainda não está todo publicado, daremos as paginas pelo IV volume de Purchas onde a primeira e a segunda parte estão impressas, cemo já fica dito.

O primeiro é sobre o cajú:

Comemos debaixo de um cajueiro muito fresco, carregado de acajus, que são como peros repinaldos ou camoezas, são uns amarellos, outros vermelhos, tem sua castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, da qual procede o pero; e fructa gostosa, bom para tempo de calma e toda se desfaz em summo, o qual põe nodoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira.

Das castanhas se faz maçaпães e outras cousas doces, como de amendoas: as castanhas são melhores que as de Portugal. a arvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo.

Narrativa epistolar p. 42.

Estas arvores são muito grandes, formosas, perdem a folha em seu tempo, e a flor se da em os cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas dias pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro, e apos ella nasce uma castanha, e da castanha nasce um pomo do tamanho de um repinaldo ou maça camoeza; é fructa muito formosa, e são alguns amarellos, outros vermelhos e tudo é sumo: são bons para a calma, refrescam muito e o sumo põe nodoa em panno branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha é tão boa ou melhor que a de Portugal, comem-se assadas e cruas, deitadas em agua como amendoas piladas dellas fazem maçaпães e bocados doces.

(*Purchas*, IV p. 1306).

O segundo é sobre a mangaba :

Caminhamos toda tarde por uns mangabaes que se parecem alguma cousa com maceiras de anafega, dão umas mangabas amarellas do tamanho e feição de alborque, com muitas pintas pardas que lhe dão muita graça; não tem caroço, mas umas pevides mui brandas que também se comem, a fructa é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não ha fartar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na arvore mas cahindo amadurecem no chão ou pondo-as em mudureiros; dão no anno duas camadas, a primeira se diz do botão e dá flor, mas o mesmo botão é a fructa. Estas são as melhores, e maiores e vem pelo Natal, a segunda camada é de flor alva como neve; da propria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho e cheiro.

Narrativa p. 43 e 44.

Destas arvores ha grande cópia maxime na Bahia, porque nas outras partes são raras, na feição se parece com maceira de anafega e na folha com a de freixo, são arvores graciosas, e sempre tem folhas verdes. Dão duas vezes fructa no anno. a 1^a de botão, porque não deitão então flor, mas o mesmo botão é a fructa, acabada esta camada que dura dous ou tres mezes, da outra tornando primeiro flor a qual é toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto, a fructa é do tamanho de abricos, amarella e salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevides, mas tudo se come ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias e tão leves que por mais que comão, parece que não comem fructa, não amadurecem na arvore, mas cahem no chão e d'ahi as apañão já maduras, ou colhendos as verdes as poem em madureiras.

Purchas, IV p. 1307.

A esses trechos poderíamos juntar muitos outros. Poderíamos mostrar que na segunda parte do *Tratado*, o auctor diz que *viajava* durante leguas e leguas de mangues, o que está de accôrdo com a *Narrativa epistolar*; que ainda na segunda parte do *Tratado* elle refere-se a bichinhos que atacam de preferencia aos Europeus chegados de fresço, o que está de accordo com a *Narrativa* p. 78, onde se lê que o padre Christovão de Gouvêa ficou cheio de postemas em consequencia das mordidas de carrapatos que soffreu em Pernambuco. Não o fazemos, porque una demonstração mais longa é dispensavel. A melhor demonstração só o

leitor a pôde fazer, comparando a encantadora *Narrativa* com este opusculo, que por nossa parte não achamos menos encantador e aprazível. Passaremos, pois, a dar conta do nosso trabalho de editor.

Desde que tomamos a responsabilidade d'esta publicação entendemos de nosso dever precedel-a da biographia do autor. Para este fim tomamos copiosas notas de Jarric, Vieira, Simão de Vasconcellos, Sebastião de Abreu e Franco. Infelizmente estas notas são insufficientes, e deixam sem o minimo esclarecimentos annos e annos da vida de Fernão Cardim. A' vista d'isto resolvemos adiar para mais tarde esta empreza que a antiga sympathy que lhe votamos e o muito que temos apreendido em seus livros converteram em obrigação, ao mesmo tempo indeclinavel e deliciosa. (1)

Antes de terminar: adoptamos em todo o volume a orthographia moderna, em parte levado pelo

(1) Damos aqui um resumo biographico de Fernão Cardim em quo está condensado tudo quanto se sabe a seu respeito.

Nasceu em Vianna em 1540. Entrou para a Companhia em 1555. Era ministro do collegio de Evora quando em 1582 foi designado para acompanhar o visitador Christovão de Gouvêa mandado ao Brazil. Aqui, demorou-se até 1599, exercendo entre outros o lugar de reitor do Rio de Janeiro. Eleito procurador da Companhia foi a Roma em 1600. Voltava em 1601 em companhia do visitador Madureira, quando foi aprisionado por piratas inglezes e transportado para a Inglaterra. Em 1603 tornou ao Brazil feito provincial. Acabado o provincialato, foi nomeado reitor do collegio da Bahia, cargo que occupou por muitos annos, e que ainda occupava quando a cidade foi invadida pelos hollandezes. Falleceu em Abrantes, aos 27 de Janeiro de 1625.

XIV

exemplo de Varnhagen, em parte pelas muitas irregularidades da copia, feita por pessoa de muito poucas habilitações. Juntamos algumas variantes de Purchas, algumas das quaes não deixam de ter importancia e que são preciosas principalmente nas palavras abanheengas, que muitas vezes reproduzem menos deturpadas.

Circumstancias que não vem ao caso mencionar, impediram que este opusculo visse a luz no tempo da Exposição de historia e geographia do Brasil. D'ahi não resultou inconveniente, pois a Exposição de historia não foi menos brilhante, nem menos assignalados foram os serviços prestados pelo *Catalogo* destinado a perpetuar sua lembrança.

E si inconveniente houve, resarcio-o completamente o facto desta demora permittir que o presente livro fosse anotado pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Durante uma vida laboriosa, o Dr. Baptista Caetano tem feito das linguas brasilicas o seu estudo predilecto. Foi elle quem primeiro nos deu uma grammatica e um dictionario da lingua abanheenga feito pelos processos modernos. A linguistica comparativa dará um passo agigantado em nosso continente si elle puder, como pretende, publicar o seu *Panlexicon*, em que trabalha vai para trinta annos.

As notas do Dr. Baptista Caetano são especialmente etymologicas, porém não o são exclusiva-

mente. Muitas vezes, levado pelo assumpto, expoz de passagem as suas idéas sobre as navegações sul-americanas, e sobre as relações que ligam umas ás outras tribus. / 5

A sua importancia é, portanto, patente.

E agora só resta dizer ao leitor o *tolle et lege* do costume; e pedir ao amigo ausente desculpa por não ter realisado a empreza que nos incumbiu de modo condigno com o elevado sentimento que a inspirou.

Rio, Novembro de 1881.

INDIOS DO BRASIL

**Do principio e origem dos Indios do Brasil
e de seus costumes, adoração e
ceremonias.**

Este gentio parece que não tem conhecimento do principio do Mundo, do diluvio parece que tem alguma noticia, mas como não tem escripturas, nem caracteres, a tal noticia é escura e confusa; porque dizem que as aguas afogarão e matarão todos os homens, e que somente um escapou em riba de um Jampaba, com uma sua irmã que estava prenhe, e que destes dois têm seu principio, e que dali começou sua multiplicação.

Do conhecimento que têm do Creador.

Este gentio não tem conhecimento algum de seu Creador, nem de cousa do Ceo, nem si ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem

2

adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino, mas sabem que tem alma e que esta não morre (1) e depois da morte vão a uns campos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra cousa senão bailar; e tem grande medo do demonio, ao qual chamam Curupira, Taguaigba (2), Macachera, Anhangá, e é tanto o medo que lhe tem, que so de imaginarem nelle morrem, como aconteceu já muitas vezes; não no adorão, nem a alguma outra creatura, nem tem idolos de nenhuma sorte, sómente dizem alguns antigos que em alguns caminhos tem certos postos, aonde lhe offerecem algumas cousas pelo medo que tem delles, e por não morrerem. Algumas vezes lhe apparecem os diabos ainda que raramente, e entre elles ha poucos endemoninhados.

Usão de alguns feitiços, e feiticeiros, não porque creião nelles, nem os adorem, mas sómente se dão a chupar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saúde, mas não por lhes parecer que ha nelles divindade, e mais o fazem por receber saúde que por outro algum respeito. Entre elles se alevantão algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamão Caraíba, Santo ou Santidade, e é de ordinario algum Indio de

(1) and they say that the Soules are converted into devils (Purchas, IV 1290).

(2) Taguaib, Pigtaigta, (Purchas lb.) Knivet dá ainda outro nome do diabo, que é Avasaly em Purchas e Avasaty na traducção portuguezá do Dr. José Hygino Pereira Duarte na *Revista do Inst.*

ruim vida: este faz algumas feitiçarias, e cousas estranhas á natureza, como mostrar que ressuscita a algum vivo que se faz morto, e com esta e outras cousas semelhantes traz após si todo o sertão enganando-os e dizendo-lhes que não rocem, nem plantem seus legumes, e mantimentos, nem cavem, nem trabalhem, etc, por que com sua vinda é chegado o tempo em que as enxadas por si hão de cavar, e os panicús (1) ir ás roças e trazer os mantimentos, e com estas falsidades os traz tão embebidos, e encantados, deixando de olhar por suas vidas, e grangear os mantimentos que, morrendo de pura fome, se vão estes ajuntamentos desfazendo pouco a pouco, até que a Santidade fica só, ou a matão.

Não têm nome proprio com que expliquem a Deus, mas dizem que Tupã é o que faz os trovões (2) e relampagos, e que este é o que lhes deu as enxadas, e mantimentos, e por não terem outro nome mais proprio e natural, chamão a Deus Tupã.

Dos casamentos.

Entre elles ha casamentos, porem ha muita duvida si são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como pelas deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça, que entre elles

(1) Beasts, (Purchas ib.)

(2) they say the Tupan is the thunder and lightning (Purchas, ib.)

aconteça; mas, ou verdadeiros ou não, entre elles se fazião deste modo. Nenhum mancebo se costumava casar antes de tomar contrario, e perseverava virgem até que o tomasse e matasse correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dous ou tres annos; a mulher da mesma maneira não conhecia homem, até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe fazião grandes festas; ao tempo de lhe entregarem a mulher fazião grandesinhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada (1), e depois de casados começavão a beber, porque até ali não o consentião seus pais, ensinando-os que bebessem com tento, e fossem considerados e prudentes em seu falar, para que o vinho lhe não fizesse mal, nem falassem couzas ruins, e então com uma cuya lhe davão os velhos antigos o primeiro vinho, e lhe tinhão mão na cabeça para que não arrevesassem, porque sí arrevesava tinhão para si que não seria valente, e vice-versa.

Do modo que têm em seu comer e beber.

Este gentio come em todo tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como tem que comer não o guardão muito tempo, mas logo comem tudo o que tem e repartem com seus amigos, de

(2) and after they were laid the father took a wedge of stone and did cut upon a post or stake, then they say hee did cut the tailes from the grand children, and therefore they were borne without them. (Purchas, ib).

modo que de um peixe que tenham repartem com todos, e tem por grande honra e primor serem liberaes, e por isso cobrão muita fama e honra, e a peor injuria que lhes podem fazer é terem-nos por escassos, ou chamarem-lho, e quando não tem que comer são muito sofridos com fome e sede.

Não tem dias em que comão carne e peixe; comem todo genero de carnes, ainda de animacs immundos, como cobras, sapos, ratos, e outros bichos semelhantes, e tambem comem todo genero de frutas, tirando algumas peçonhentas, e sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem a cultivarem, como caças e frutas; porem tem certo genero de mantimentos de boa substancia, e sadio, e outros muitos legumes de que abaixo se fará menção. De ordinario não bebem emquanto comem, mas depois de comer bebem agua, ou vinho que fazem de muitos generos de frutas e raizes, como abaixo se dirá, do qual bebem sem regra, nem modo o até cairem.

Tem alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e durão dous, tres dias, em os quaes não comem, mas somente bebem (1), e para estes beberes serem mais festejados andão alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos achão para beberem (2), e revesando-se continuão estes bailos e musica todo o tempo dos vinhos, em o

(1) and there be men that emptie a whole vessel of wine.
(Purchas, ib.)

(2) and be merrie (Purchas, ib.)

qual tempo não dormem, mas tudo se vae em beber, e de bebados fazem muitos desmanchos, e quebrão as cabeças uns aos outros, e tomão as mulheres alheias, etc. Antes de comer nem depois não dão graças a Deus, nem lavão as mãos antes de comer, e depois de comer as alimpão aos cabellos, corpo e paus; não tem toalhas, nem meza, comem assentados, ou deitados nas redes, ou em cocaras no chão, e a farinha comem de arremesso, e deixo outras muitas particularidades que tem no comer e beber, porque estas são as principaes.

Do modo que tem em dormir.

Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficão nellas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como ficão no ar, e não tem outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo: não madrugão muito, agazalhão-se com cedo, e pelas madrugadas ha um principal em suas ocas (1) que deitado na rede por espaço de meia hora lhes prega, e admoesta que vão trabalhar como fizerão seus antepassados, e destribue-lhe o tempo, dizendo-lhe as cousas que hão de fazer, e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda. Tomárão este modo de um passaro que se parece com os falcões, o qual canta de madrugada e lhe chamam rei, senhor dos outros passaros, e dizem elles que

(1) Faltam estas palavras em Purchas.

assim como aquelle passaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convem que os principaes fação aquellas falas e pregações de madrugada para serem ouvidos dos seus.

Do modo que tem em se vestir.

Todos andão nus assim homêns como mulheres, e não tem genero nenhum de vestido e por nenhum caso *verecundant*, antes parece que estão no estado de innocencia nesta parte, pela grande honestidade e modestia que entre si guardão, e quando algum homem fala com mulher vira-lhe as costas. Porem para sairem galantes usão de varias invenções, tingindo seus corpos com certo sumo de uma arvore (1) com que ficam pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc., a modo de imperiaes. (2)

Tambem se empennão, fazendo diadema e braccelles, e outras invenções muito lustrosas, e fazem muito caso de todo genero de pennas finas. Não deixão crear cabelo nas partes de seu corpo, porque todos os arrancão, somente os da cabeça deixão, os quaes tosquião de muitas maneiras, porque uns o trazem comprido com uma meia lua rapada por diante, que dizem tomárão este modo de S. Thomé, e parece que tiverão delle alguma noticia, ainda que confusa. Outros fazem

(1) of certaine fruit (Purchas, ib).

(2) many white stroakes, after the fashion of round hose. and other kinde of garments (Purchas, ib).

certo genero de coroas e circulos que parecem frades: as mulheres todas tem cabellos compridos e de ordinario pretos, e de uns e outros é o cabello corredio: quando andão anojados deixão crescer o cabello, e as mulheres quando andão de dó, cortão os cabellos, e tambem quando os maridos vão longe, e nisto mostrão terem-lhe amor e guardarem-lhe lealdade; é tanta a variedade (1) que tem em se tosquiarem, que pela cabeça se conhecem as nações.

Agora ja andão alguns vestidos, assim homens como mulheres, mas estimão-no tão pouco que o não trazem por honestidade, mas por cerimonia, e porque lho mandão trazer, como se vê bem, pois alguns saem de quando em quando com umas jornes que lhes dão pelo umbigo sem mais nada, e outros somente com uma carapuça na cabeça, e o mais vestido deixão em casa: as mulheres fazem muito caso de fitas e pentes.

Das casas.

Usão estes indiõs de umas ocas ou casas de madeira cubertas de folha (2), e são de comprimento algumas de duzentos e trezentos palmos, e tem duas e tres portas muito pequenas e baixas; mostrão sua valentia em buscarem madeira e esteios muito grossos e de dura, e ha casa que

(1) vanitie (Purchas, ib).

(2) Palme tree leaves. (Purchas).

tem cincoenta, sessenta ou setenta lanços de 25 ou 30 palmos (1) de comprido e outros tantos de largo.

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinario parentes: e em cada lanço destes pousa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas casas é ver (2) um lavarinto, porque cada lanço tem seu fogo e suas redes armadas, e alfaias, de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem, e casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

Da criação dos filhos.

As mulheres parindo, (e porem no chão), não levantão creança, mas levanta-a o pae, ou alguma pessoa que tomão por seu compadre, e na amizade ficão como os compadres entre os Christãos; o pae lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se põe a jejuar até que lhe cae o umbigo, que é de ordinario até os oito dias, e até que lhe não caia não deixam o jejum, e em lhe caindo, si é macho lhe faz um arco com frechas, e lho ata no punho da rede, e no outro punho muitos molhos d'ervas, que são os contrarios que seu filho ha de

(1) Quarters. (Purchas ib).

(2) to enter. (Purchas ib).

matar e comer, e acabadas estas ceremonias fazem vinhos com que se alegrão todos. As mulheres quando parem logo se vão lavar aos rios, e dão de mamar á creança de ordinario anno e meio, sem lhe darem de comer outra cousa; amão os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de redes que chamão *tupyra* (1) e os levão ás roças e a todo o genero de serviço, ás costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganas escauchados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo (2). Para lhes não chamarem os filhos (3) tem muitos agouros, porque lhe poem algodão sobre a cabeça, penna de passaros e paus, deitão-nos sobre as palmas das mãos, e roção-nos por ellas para que cresçam. Estimão mais fazerem bem aos filhos que a si proprios, e agora estimão muito e amão os padres, porque lh'os crião e ensinão a ler, escrever e contar, cantar e tanger, cousas que elles muito estimão.

Do costume que tem em agazalhar os hospedes.

Entrando-lhe algum hospede pela casa a honra e agazalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando pois logo o hospede na casa o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher

(1) Tupyra (Purchas, ib)

(2) That their children may not crie (Purchas ib).

(3) Faltão estas palavras em Purchas.

e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trovadas quantas cousas tem acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras muitas que imaginão, e trabalhos que o hospede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que póde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não falla palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpão as lagrimas, e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorárão, e logo se saudão, e dão o seu *ereiupe* (1), e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas cerimoniaes contão os hospedes ao que vem. Tambem os homens se chorão uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc.; têm por grande honra agazalharem a todos e darem-lhe todo o necessario para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, frechas, passaros, pennas e outras cousas, conforme a sua pobreza, sem algum genero de estipendio.

Do costume que tem em beber fumo.

Costumão estes gentios beber fumo de *petigma*. por outro nome erva santa; esta secção e fazem de uma folha de palma uma *canguera*, que fica como canudo de canna cheio desta erva, e pon-

(1) or welcome (Purchas, IV p. 1292.)

do-lhe o fogo na ponta metem o mais grosso na boca, e assim estão chupando e bebendo aquelle fumo, e o tem por grande mimo e regallo, e deitados em suas redes gastão em tomar estas fumaças parte dos dias e das noites. A alguns faz muito mal, e os atordoa e embebeda; a outros faz bem e lhe faz deitar muitas reimas pela boca. As mulheres tambem o bebem, mas são as velhas e enfermas, porque é elle muito medicinal principalmente para os doentes de asthmas, cabeça ou estomago, e daqui vem grande parte dos Portuguezes beberem este fumo, e o tem por vicio, ou por preguiça, e imitando os Indios gastão nisso dias e noites.

**Do modo que tem em fazer suas roçarias,
e como pagão uns aos outros.**

Esta nação não tem dinheiro com que possam satisfazer aos serviços que se lhes fazem, mas vivem commutatione rerum e principalmente a troco de vinho fazem quanto querem; e assim quando hão de fazer algumas cousas, fazem vinho e avisando os visinhos, e apelidando toda a povoação lhe rogão os queirão ajudar em suas roças, o que fazem de boa vontade, e trabalhandô até as 10 horas tornão para suas casas a beber os vinhos, e si aquelle dia se não acabam as roçarias, fazem outros vinhos e vão a outro dia até as 10 horas acabar seu serviço; e deste modo usão

os brancos prudentes (1), e que sabem a arte e maneira dos Indios, e quanto fazem por vinho, por onde lhes mandão fazer vinhos, e os chamão ás suas roças e cannaviaes, e com isto lhe pagão.

Tambem usão de ordinario, por troco de algumas cousas, (2) de contas brancas que se fazem de buzios, e a troco de alguns ramaes dão até as mulheres, e este é o resgate ordinario de que usão os brancos para lhes comprarem os escravos e escravas que tem para comer.

Das joias e metaras.

Usão estes Indios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de colares de buzios, de diademas de pennas e de umas metaras (2) (pedras que metem no beijo de baixo) verdes, brancas, azues, muito finas e que parecem esmeraldas ou cristal, são redondas e algumas tão compridas que lhe dão pelos peitos, e ordinario é em os grandes principaes terem um palmo e mais de comprimento: tambem usão de manilhas brancas dos mesmos buzios, e nas orelhas metem umas pedras brancas de comprimento de um palmo e mais, e estes e outros semelhantes são os arreios com que se vestem em suas festas, quer sejam em matanças dos contrarios, quer de vinhos, e estas são as riquezas que mais estimão que quanto tem.

(1) Or Portugals (Purchas ib).

(2) To change some things for (Purchas ib).

(3) Broaches (Purchas. ib).

Do tratamento que fazem ás mulheres e como as escudeirão.

Costumão estes Indios tratar bem ás mulheres, nem lhes dão nunca, nem pelejão com ellas, tirando em tempo dos vinhos, porque então de ordinario se vingão dellas, dando por desculpa depois o vinho que beberão e logo ficão amigos como dan-tes, e não durão muito os odios entre elles, sempre andão juntos e quando vão fora a mulher vai de traz e o marido diante para que si acontecer alguma ci-lada não caia a mulher nella, e tenha tempo para fugir emquanto o marido pejeja com o contrario etc., mas á tornada da roça ou qualquer outra parte vem a mulher diante, e o marido de traz, porque como tenha já tudo seguro, si acontecer algum desastre possa a mulher que vai diante fugir para casa, e o marido ficar com os contrarios, ou qualquer outra cousa. Porem em terra segura ou dentro na povoação sempre a mulher vai diante, e o marido de traz, porque são ciosos e querem sempre ver a mulher.

Dos seus bailos e cantos.

Ainda que são melancolicos, tem seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e gra-ciosos, em os quaes arremedão muitos generos de passaros; e com tanta festa e ordem que não há mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade,

que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavêm por cousa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejão; logo de pequeninos os ensinão os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são differenças de mudanças, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso (1), com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usão os meninos em Hespanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que tambem fazem muito boas contas, e assim bailão cantando juntamente, porque não fazem uma cousa sem outra, e tem tal compasso e ordem, que ás vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiados uns detraz dos outros, acabão todos juntamente uma pancada, como si estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores assim homens como mulheres, em tanto que si tomão um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailão sós. Guardão entre si differenças de vozes em sua consonancia, e de ordinario as mulheres levão os tiples, contraltos e tenores.

(1) and pleasantness as can be desired. (Purchas, IV p. 1293.)

Dos seus enterramentos.

São muito maviosos (1) e principalmente em chorar os mortos, e logo como algum morre os parentes se lanção sobre elle na rede e tão depressa que ás vezes os afogão antes de morrer, parecendo-lhe que está morto, e os que se não podem deitar com o morto na rede se deitão pelo chão dando grandes baques, que parece milagre não acabarem com o mesmo morto, e destes baques e choros ficão tão cortados que ás vezes morrem. Quando chorão dizem muitas lastimas e magoas, e si morre a primeira noite, (2) toda ella em peso chorão em alta voz, que é espanto não cançarem.

Para estas mortes e choros chamão os vizinhos e parentes, e si é principal, ajunta-se toda a aldea a chorar, e nisto tem tambem seus pontos de honra, e aos que não chorão lanção pragas, dizendo que não hão de ser chorados: depois de morto o lavão, e pintão muito galante, como pintão os contrarios, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuya (3) no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de maneira que lhe não chegue terra, e ao pote cobrem de terra, fazendo-lhe uma

(1) Wicked (Purchas ib).

(2) at avening (Purchas ib).

(3) couering (Purchas ib).

casa, aonde todos os dias lhe levão de comer, porque dizem que como cança de bailar, vem ali comer, e assim os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com elle metem todas as suas joias e metaras (1), para que as não veja ninguem, nem se lastime; mas si o defunto tinha alguma peça, como espada, etc., que lhe havião dado, torna a ficar do que lha deu, e a torna a tomar onde quer que a acha, porque dizem que como um morre perde todo o direito do que lhe tinhão dado. Depois de enterrado o defunto os parentes estão em continuo pranto de noite e de dia, começando uns, e acabando outros; não comem senão de noite, armão as redes junto dos telhados, e as mulheres ao segundo (2) dia cortão os cabellos, e dura este pranto toda uma lua, a qual acabada fazem grandes vinhos para tirarem o dó, e os machos se tosquião, e as mulheres se enfeitão tingindo-se de preto, e estas ceremonias e outras acabadas, começam a comunicar uns com os outros, assim homens como as mulheres; depois de lhes morrerem seus companheiros, algumas vezes não tornão a casar, nem entrão em festas de vinhos, nem se tingem de preto, porem isto é raro entre elles, por serem muito dados a mulhores, e não podem viver sem ellas.

(1) Broaches (Purchas ib).

(2) After twentie daies (Purchas ib).

Das ferramentas de que usão.

Antes de terem conhecimento dos Portuguezes usavão de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, pau, cannas, dentes de animaes, etc., e com estes derrubavão grandes matos com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo; assim mesmo cavavão a terrã com uns paus agudos e fazião suas metaras (1), contas de buzios, arcos, e frechas tão bem feitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porem gastavão muito tempo em fazer qualquer cousa, pelo que estimão muito o ferro pela facilidade que sentem em fazer suas cousas com elle, e esta é a razão porque folgão com a communicacão dos brancos. (2)

Das armas de que usão.

As armas deste gentio o ordinario sãõ arcos e frechas, e delles se honrão muito, e os fazem de boas madeiras, e muito galantes, tecidos com palma de varias cores, e lhe tingem as cordas de verde ou vermelho, e as frechas fazem muito galantes, buscando para ellas as mais formosas pennas que achão; fazem estas frechas de varias cannas, e na ponta lhes metem dentes de animaes ou umas certas cannas muito duras e crueis, ou uns paus agudos com muitas farpas, e ás vezes as ervão com peçonha.

(1) Broaches (Purchas ib).

(2) The Portugals (Purchas ib.)

Estas frechas ao parecer, parece cousa de zombaria, porem é arma cruel: passão umas couraças de algodão, e dando em qualquer pau o abrem pelo meio, e acontece passarem um homem de parte a parte, e ir pregar no chão : exercitão-se de muito pequenos nestas armas, e são grandes frecheiros e tão certos que lhe não escapa passarinho por pequeno que seja, nem bicho do mato, e não tem mais que quererem meter uma frecha por um olho de um passaro, ou de um homem, ou darem em qualquer outra cousa, por pequena que seja, que o não fação muito ao seu salvo, e por isso são muito temidos, e tão intrepidos e ferozes que mete espanto. São como bichos do mato, porque entrão pelo sertão a caçar despídos e descalços sem medo nem temor algum.

Veem sobre maneira, porque á legua enxergão qualquer couza, e da mesma maneira ouvem; atinão muito; regendo-se pelo sol vão a todas as partes que querem, duzentas e trezentas leguas, por matos espessos sem errar ponto, andão muito, e sempre, de galope, e principalmente com cargas, nenhum a cavallo os pode alcançar: são grandes pescadores e nadadores, nem temem mar, nem ondas, e aturão um dia e noite nadando, e o mesmo fazem remando e ás vezes sem comer.

Tambem usão por armas de espadas de pau e os cabos dellas tecem de palma de varias cores e os empennão com pennas de varias cores, principalmente em suas festas e n.atanças: estas espadas são cruéis, porque não dão ferida, mas pisão e

quebrão a cabeça de um homem sem haver remédio de cura.

Do modo que este gentio tem acerca de matar e comer carne humana (*).

De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seus contrarios, nem entre elles ha festas que cheguem ás que fazem na morte dos que matão com grandes ceremonias, as quaes fazem desta maneira. Os que tomados na guerra vivos são destinados a matar, vem logo de lá com um signal, que é uma cordinha delgada ao pescoço, e si é homem que pode fugir traz uma mão atada ao pescoço debaixo da barba, e antes de entrar nas povoações que há pelo caminho os enfeitão, depennandô-lhes as pestanas e sobrelhas e barbas, trosquiando-os ao seu modo, e empennando-os com pennas amarellas tão bem assentadas que lhes não apparece cabello: as quaes os fazem tão lustrosos como aos Hespanhoes os seus vestidos ricos, e assim vão mostrando sua victoria por onde quer que passão. Chegando á sua terra, o saiem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento commum entre elles, e sem mais outra vexação ou prisão,

(*) And of their creating Gentlemen (Purchas, IV, p. 1294.)

salvo que lhe tecem no pescoço um colar redondo como corda de boa grossura, tão dura como pau, e neste colar começa de urdir grande numero de braças de corda delgada de comprimento de cabellos de mulher, arrematada em cima com certa volta, e solta em baixo, e assim vai toda de orelha a orelha por detraz das costas e ficão com esta coleira uma horrenda cousa; e si é fronteiro e pode fugir, lhe poem em lugar de grilhões por baixo dos gíolhos uma pêa de fio tecido muito apertada, a qual para qualquer faca fica fraca, si não fossem as guardas que nenhum momento se apartão delle, quer vá pelas casas, quer para o mato, ou ande pelo terreiro, que para tudo tem liberdade, e commumente a guarda é uma que lhe dão por mulher, e tambem para lhe fazer de comer, o qual si seus senhores lhe não dão de comer, como é costume, toma um arco e frecha e atira á primeira galinha ou pato que vê de quem quer que seja, e ninguem lhe vai á mão, e assim vai engordando, sem por isso perder o somno, nem o rir e folgar como os outros, e alguns andão tão contentes com haverem de ser comidos, que por nenhuma via consentirião ser resgatados para servir, porque dizem que é triste cousa morrer, e ser fedorento e conido de bichos. Estas mulheres são commumente nesta guarda fieis, porque lhe fica em honra, e por isso são muitas vezes moças e filhas de principaes, maximo si seus irmãos hão de ser os matadores, porque as que não tem

estas obrigações muitas vezes se afeiçoão a elles de maneira que não somente lhes dão azo para fugirem, mas também se vão com elles; nem ellas correm menos risco si as tornão a tomar que de levarem umas poucas de pancadas, e ás vezes são comidas dos mesmos a quem derão a vida.

Determinado o tempo em que ha de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panellas, alguidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isto prestes, assim os principaes como os outros mandão seus mensageiros a convidar outros de diversas partes para tal lua, até dez, doze leguas e mais, para o qual ninguem se escuza. Os hospedes vem em magotes com mulheres e filhos, e todos entrão no lugar com danças e bailos, e em todo o tempo em que se junta a gente, ha vinho para os hospedes, porque sem elle todo o mais gazalhado não presta; a gente junta, começam as festas alguns dias antes, conforme ao numero, e certas ceremonias que precedem, e cada uma gasta um dia.

Primeiramente tem elles para isto umas cordas de algodão de arrazoada grossura, não torcidas, se não tecidas de um certo lavor galante, é cousa entre elles de muito preço, e não nas tem senão alguns principaes, e segundo ellas são primas, bem feitas, e elles vagarosos (1), é de crer que nem em um anno se fazem: estas estão sempre muito

(1) their taking pleasure (Purchas, IV, p. 1295.)

guardadas, e levão-se ao terreiro com grande festa e alvoroço dentro de uns alguidares, onde lhe dá um mestre disto dous nós, por dentro dos quaes com força corre uma das pontas de maneira que lhe fica bem no meio um laço; estes nós são galantes e artificiosos, que poucos se achão que os saibão fazer, porque tem algumas dez voltas e as cinco vão por cima das outras cinco. como si um atravessasse os dedos da mão direita por cima dos da esquerda, e depois a tingem com um polme de um barro branco como cal e deixão-nas enxugar.

O segundo dia trazem muitos feixes de cannas bravas de comprimento de lanças e mais, e á noite poem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhe ao fogo ao pé se faz uma formosa e alta fogueira, ao redor da qual andão bailando homens e mulheres com maços de frechas ao hombro, mas andão muito depressa, porque o morto que ha de ser, que os vê melhor do que é visto por causa do fogo, atira com quanto acha, e quem leva, leva, e como são muitos, poucas vezes erra.

Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de cannas, e batem todos á una no chão ora com um pé, ora com outro. sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assoprão os canudos, e não ha outro cantar nem falar, e como são muitos e as cannas umas mais grossas, outras menos, alem de atoa-rem os matos, fazem uma harmonia que parece musica do inferno, mas elles aturão nellas como

si fossem as mais suaves do mundo; e estas são suas festas, afora outras que entremetem com muitas graças e adivinhações.

Ao quarto dia, em rompendo a alva, levão o contrario a lavar a um rio, e vão-se detendo para que, quando tornarem, seja já dia claro, e entrando pela aldea, o preso vai já com olho sobre o hombro, porque não sabe de que casa ou porta lhe ha de sahir um valente que o ha de aferrar por detraz, porque, como toda sua bema-venturança consiste em morrer como valente, e a cerimonia que se segue é já das mais propinquas á morte, assim como o que ha de aferrar mostra suas forças em só elle o subjugar sem ajuda de outrem, assim elle quer mostrar animo e forças em lhe resistir; e ás vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe succede outro que se tem por mais valente homem, os quaes ás vezes ficão bem enxovalhados, e mais o ficarião, si já a este tempo o captivo não tivesse a pêa ou grilhões. Acabada esta luta elle em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aferrado, sae um coro de nymphas que trazem um grande alguidar novo pintado, e nelle as cordas enroladas e bem alvas, e posto este presente aos pés do captivo, começa uma velha como versada nisto e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudão, cuja letra é conforme á cerimonia, e enquanto ellas cantão os homens tomão as cordas, e metido o laço no pescoço lhe dão um nó simples junto dos outros grandes, para que se

não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras as metem no braço á mulher que sempre anda detraz delle com este peso, e si o peso é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das rodas, e si elle dantes era temeroso com a coleira, mais o fica com aquelles dous nós tão grandes no pescoço da banda detraz, e por isto diz um dos pés da cantiga: *nós somos aquellas que fazemos estirar o pescoço ao passaro*, posto que depois de outras cerimoniaes lhe dizem noutro pé:

Si tu foras papagaio, voando nos fugiras.

A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartimentos, ainda que seja de 20 ou 30 braças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começam a beber é um lavarinto ou inferno vel-os e ouvil-os, porque os que bailão e cantão aturão com grandissimo fervor quantos dias e noites os vinhos durão: porque, como esta é a propria festa das matanças, ha no beber dos vinhos muitas particularidades que durão muito, e a cada passo ourinão, e assim aturão sempre, e de noite e dia cantão e bailão, bebem e fallão cantando em magotes por toda a casa, de guerras e sortes que fizerão, e como cada um quer que lhe oução a sua historia, todos fallão a quem mais alto, afora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. Aquella manhã que começaram a beber enfeitão o captivo por

um modo particular que para isto tem, a saber: depois de limpo o rosto, e quanta penugem nelle ha, o untão com um leite de certa arvore que pega muito, e sobre elle poem um certo pó de umas cascas de ovo verde de certa ave do mato, e sobre isto o pintão de preto com pinturas galantes, e untando tambem o corpo todo até a ponta do pé o enchem todo de penna, que para isto tem já picada e tinta de vermelho, a qual o faz parecer a metade mais grosso, e a cousa do rosto o faz parecer tanto maior e luzente, e os olhos mais pequenos, que fica uma horrenda visão, e da mesma maneira que elles tem pintado o rosto, o está tambem a espada, a qual é de pau ao modo de uma palmatória, sinão que a cabeça não é tão redonda, mas quazi triangular, e as bordas acabão quasi em gume, e a haste, que será de 7 ou 8 palmos, não é toda roliça, terá junto da cabeça 4 dedos de largura e vem cada vez estreitando até o cabo, onde tem uns pendentés ou campainhas de penna de diversas cores, é cousa galante e de preço entre elles, elles lhe chamão *Ingapenambin*, orelhas da espada. O derradeiro dia dos vinhos fazem no meio do terreiro uma choça de palmas ou tantas quantos são os que hão de morrer, e naquella se agazalha, e sem nunca mais entrar em casa, e todo o dia e noite é bem servido de festas mais que de comer, porque lhe não dão outro conducto senão uma fructa que tem sabor de nozes, para que ao outro dia não tenha muito sangue.

Ao quinto dia pela manhã, ali ás sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muita saudosa e dizendo por despedida algumas lastimas pelo menos fingidas; então lhe tirão a peia e lhe passão as cordas do pescoço á cinta, e posto em pé á porta do que o ha de matar, sae o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma (1) a que chamão capa de penna, que se ata pelos peitos, e ficão-lhe as abas para cima como azas de Anjo, e nesta dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares estranhos com olhos e corpo, e com as mãos arremeda o minhoto que desce á carne, e com estas diabruras chega ao triste, o qual tem as cordas estiradas para as ilhargas e de cada parte um que o tem, e o captivo, si acha com que atirar, o faz de boa vontade, e muitas vezes lhe dão com que, porque lhes saem muitos valentes. e tão ligeiros em furtar o corpo que os não pode acertar. Acabado isto, vem um honrado (2), padrinho do novo cavalleiro que ha de ser, e tomada a espada lha passa muitas vezes por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte ora por outra da propria maneira que os cachorrinhos dos sanfonineiros, lhe passão por entre as pernas, e depois tomando-a pelo meio com ambas as mãos aponta como com uma estocada aos olhos do morto (3), e isto feito lhe vira a cabeça

(1) Garment (Purchas, IV. p. 1296).

(2) Honorable Iudge (Purchas, ib).

(3) Of the man which isto die (Purchas, ib).

para cima da maneira que della hão de usar, e a mette nas mãos do matador, já como apta e idonea com aquellas benções para fazer seu officios para o qual se põe algum tanto ao lado esquerdo, de tal geito que com o gume da espada lhe acerte no toutiço, porque não tira a outra parte(1), e é tanta a bruteza destes que, por não temerem outro mal senão aquelle presente tão inteiros estão como si não fosse nada, assim para falar, como para exercitar as forças, porque depois de se despedirem da vida com dizer que *muito embora morra, pois muitos tem mortos, e que alem disso cá ficão seus irmãos e parentes para o vingarem*, e nisto aparelha-se um para descarregar e o outro para furtar o corpo, que é toda a honra de sua morte. E são nisto tão ligeiros que muitas vezes é alto dia sem o poderem matar, porque em vindo (2) a espada pelo ar, ora desvia a cabeça, ora lhe furta o corpo, e são nisto tão terriveis que si os que tem as pontas das cordas o apertão, como fazem quando o matador é frouxo, elles (3) tão rijo que os trazem a si e os fazem afrouxar em que lhes pese, tendo um olho nelles e outro na espada, sem nunca estarem quedos, e como o matador os não pode enganar ameaçando sem dar, sob pena de lhe darem uma apupada, e elles lhe adivinhão o golpe, de maneira que, por mais baixo que

(1) For he striketh at another place (Purchas, ib).

(2) When he sees (Purchas, ib).

(3) Hee puls (Purchas, ib).

venha, num assopro se abatem e fazem tão rasos que é cousa estranha, e não é menos tomarem a espada aparando-lhe o braço por tal arte que sem lhe fazerem nada correm com ella juntamente para baixo e a metem de baixo do sovaco tirando pelo matador. ao qual, si então não acudissem, o outro o despacharia, porque tem elles neste acto tantos agouros que para matar um menino de cinco annos vão tão enfeitados como para matar algum gigante, e com estas ajudas ou afouteza tantas vezes dá, até que acerta alguma e esta basta, porque tanto que elle cae lhe dá tantas até que lhe quebra a cabeça, posto que já se vio um que a tinha tão dura, que nunca lha puderão quebrar, porque como a trazem sempre descuberta, tem as cabeças tão duras que as nossas em comparação dellas ficão como de cabacas, e quando querem injuriar algum branco lhe chamão cabeça molle.

Si este que matarão ao cahir cae de costas, e não de bruços, tem-no por grande agouro e prognostico que o matador ha de morrer. e ainda que caia de bruços tem muitas cerimoniaes, as quaes si se não guardão tem para si que o matador não pode viver; e são muitas dellas tão penosas que si alguém por amor de Deus soffresse os seus trabalhos não ganharia pouco, como abaixo se dirá. Morto o triste, levão-no a uma fogueira que para isto está prestes, e chegando a ella, em lhe tocando com a mão dá uma pellinha pouco mais grossa que veo de cebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um leitão

pellado, e então se entrega ao carniceiro ou magarefe, o qual lhe faz um buraco abaixo do estomago, segundo seu estylo, por onde os meninos primeiro metem a mão e tirão pelas tripas, até que o magarefe corta por onde quer, e o que lhe fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela commuidade, salvo algumas partes principaes que, por grande honra, se dão aos hospedes mais honrados, as quaes elles levão muito assadas de maneira que se não corrompão, e sobre ellas depois em suas terras fazem festas e vinhos de novo.

Das ceremonias que se fazem ao novo Cavalleiro.

Acabando o matador de fazer seu officio, lhe fazem a elle outro desta maneira: tirada a capa de penna, e deixada a espada, se vai para casa, á portá da qual o está esperando o (*) mesmo padrinho que foi com um arco de tirar na mão, a saber, as pontas uma no lumiar de baixo e a outra em cima, e tirando pela corda como quem quer atirar, o matador passa por dentro tão subtilmente que não toca em nada; e em elle passando, o outro alarga a corda com um signal de lhe pezar, porque errou o a que atirava, como que aquillo tem virtude para depois na guerra o fazer ligeiro, e os inimigos o errarem;

(*) the same iudge or (Purchas, IV, p. 1297)

como é dentro começa de ir correndo por todas as casas, e as irmans e primas da mesma maneira diante delle dizendo: « meu irmão se chama N. » repetindo por toda a aldea, e si o Cavalleiro tem alguma cousa boa, quem primeiro anda lha toma até ficar sem nada. Isto acabado tem pelo chão lançados certos paus de pilão, (1) sobre os quaes elle está em pé aquelle dia com tanto silencio, como que dera o pasmo nelle, e levando-lhe ali a apresentar a cabeça do morto, tiram-lhe um olho, e com as raizes ou nervos delle lhe untão os pulsos, e cortada a boca inteira lha metem no braço como manilha, depois se deita na sua rede como doente, e na verdade elle o está de medo, que si não cumprir perfeitamente todas as ceremonias, o ha de matar a alma do morto. D'ali a certos dias lhe dão o habito, não no peito do pellote, que elle não tem, senão na propria pelle, sarrafaçando-o por todo o corpo com um dente de cutia que se parece com dente de coelho, o qual, assim por sua pouca subtileza, como por elles terem a pelle dura, parece que rasgão algum pregaminho, e so elles são animosos não lhe dão as riscas direitas, senão cruzadas, de maneira que ficão uns lavores muito primos, e alguns gemem e gritão com as dores.

Acabado isto, tem carvão moido e sumo de erva moura (2) com que elles esfregão as riscas ao travez, fazendo-as arregarhar e inchar, que é ainda

(1) certaine legges of a certaine Tree. called *Pilan* (Purchas, 1b)

(2) Broamerape (Purchas, 1b).

maior tormento, e em quanto lhe sarão as feridas que durão alguns dias, está elle deitado na rede sem falar nem pedir nada, e para não quebrar o silencio tem a par de si agua e farinha e certa fructa como amendoas, que chamão mendobis, (1) porque não prova peixe nem carne aquelles dias.

Depois de sarar, passados muitos dias ou mezes, se fazem grandes vinhos para elle tirar o dó e fazer o cabello, que até alli não fez, e então se tingem de preto, e dali por diante fica habilitado para matar sem fazerem a elle cerimonia que seja trabalhosa, e elle se mostra tambem nisso honrado ou ufano, e com um certo desdem, como quem tem já honra, e não a ganha de novo, e assim não faz mais que dar ao outro um par de pancadas, ainda que a cabeça fique inteira e elle bulindo, vai-se para casa, e a este acodem logo a lhe cortar a cabeça, e as mães com os meninos ao collo lhe dão os parabens, e estream-os para a guerra tingindo-lhes os braços com aquelle sangue: estas são as façanhas, honras, valentias, em que estes gentios tomão nomes de que se prezão muito, e ficão dali por diante *Abaétés*, *Murubixaba*, *Moçacara*, que são titulos e nomes de cavalleiros: e estas são as infelizes festas, em que estes tristes antes de terem conhecimento de seu Creador põem sua felicidade e gloria.

(1) Amenduins (Purchas, ib).

Da diversidade de nações e linguas

Em toda esta provincia ha muitas e varias nações de differentes linguas, porem uma é a principal que comprehende algumas dez nações de Indios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porem são todos estes de uma só lingua, ainda que em algumas palavras discrepão e esta é a que entendem os Portuguezes, é facil, e elegante, e suave, e copiosa, a difficuldade della está em ter muitas composições (1); porem dos Portuguezes, quasi todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e comunicação com os Indios a sabem em breve tempo, e os filhos dos Portuguezes cá nascidos a sabem melhor que os Portuguezes, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de S. Vicente, e com estas dez nações de Indios tem os Padres comunicação por lhe saberem a lingua, e serem mais domesticos e bem inclinados: estes forão e são os amigos antigos dos Portuguezes, com cuja ajuda e armas, conquistarão esta terra, pelejando contra seus proprios parentes, e outras diversas nações barbaras e erão tantos os desta casta que parecia impossivel poderem-se extinguir, porem os Portuguezes lhe tem dado tal pressa que quasi todos são mortos e lhe tem tal medo, que despovoão a costa e fogem pelo sertão a dentro até trezentas e quatro centas leguas.

(1) Comparisons (Purchas, II).

Os primeiros desta lingua se chamão *Potyguaras* (1) senhores da Parahiba, [30 leguas de Pernambuco, senhores do melhor pau do Brazil e grandes amigos dos Francezes, e com elles contratarão até agora, casando com elles suas filhas; mas agora na era de 84 foi a Parahiba tomada por Diogo Flores, General de Sua Magestade, bontando os Francezes fora, e deixou um forte com cem soldados, afóra os Portuguezes, que tambem tem seu Capitão e Governador Fructuoso Barbosa, que com a principal gente de Pernambuco levou exercito por terra com que venceu os inimigos, por que do mar os da armada não pelejarão.

Perto destes vivia grande multidão de gentio que chamão *Viatã*, destes já não ha nenhuns, porque sendo elles amigos dos *Potyguaras* (2) e parentes, os Portuguezes os fizeram entre si inimigos, dando-lhos a comer, para que desta maneira lhes pudesse fazer guerra e tel-os por escravos, e finalmente, tendo uma grande fome, os Portuguezes em vez de lhe acodir, os captivarão e mandarão barcos cheios a vender a outras Capitánias: ajuntou-se a isto um clerigo Portuguez Magico, que com seus enganos os acarretou todos a Pernambuco, e assim se acabou esta nação, e ficando os Portuguezes sem visinhos que os defendessem dos *Potyguaras* (3), os quaes até agora que forão desbaratados, perseguirão os Portuguezes dando-lhe de supito nas

(1) Pitiguaras (Purchas, ib).

(2) Pitaguaras (Purchas, ib).

(3) Pitiguaras (Purchas, ib).

roças, fazendas, e engenhos, queimando-lhos, e matando muita gente portugueza, por serem muito gerreiros; mas já pela bondade de Deus estão livres deste sobroço.

Outros ha a que chamão *Tupinaba*: estes habitão do Rio Real até junto dos Ilheos; estes entre si erão tambem contrarios, os da Bahia com os do Camamu e Tinharê. (1)

Por uma corda do Rio de S. Francisco vivia outra nação a que chamavão *Caaété*, e tambem havia contrarios (2) entre estes e os de Pernambuco.

Dos Ilheos, Porto Seguro até Espirito Santo habitava outra nação, que chamavão *Tupinaquim*; estes procederão dos de Pernambuco e se espalharão por uma corda do sertão, multiplicando grandemente, mas já são poucos; estes forão sempre muito imigos das cousas de Deus, endurecidos em seus erros, porque erão muito vingativos e querião vingar-se comendo seus contrarios, e por serem amigos de muitas mulheres; já destes ha muitos christãos e são firmes na fé.

Ha outra nação parente destes, que corre do sertão de S. Vicente até Pernambuco, a que chamão *Tupiguae*: estes erão sem numero, vão-se acabando, porque os Portuguezes os vão buscar para se servirem delles, e os que lhes escapão fogem para muito longe, por não serem escravos. Ha outra nação visinha a estes, que chamão *Apiga-*

(1) Intrare (Purchas, IV, p. 1298).

(2) Contrarieties (Purchas ab).

(3) Timiuiuo (Purchas, ib).

pigtanga e *Muriapigtanga*. Também ha outra nação contraria aos *Tupinaquins*, que chamão *Guaracaió* ou *Itati*.

Outra nação mora no Espirito Santo a que chamão *Tegmegminó* (1): erão contrarios dos *Tupinaquins*, mas já são poucos: Outra nação que se chama *Tamuya*, moradores do Rio de Janeiro, estes destruirão os Portuguezes quando povoarão o Rio, e delles ha muito poucos, e alguns que ha no sertão se chamão *Ararape*.

Outra nação se chama *Carijó*: habitão alem de S. Vicente como oitenta leguas, contrarios dos *Tupinaquins* de S. Vicente; destes ha infinidade e correm pela costa do mar e sertão até o Paraguay, que habitão os Castelhanos. Todas estas nações acima ditas, ainda que differentes, e muitas dellas contrarias umas das outras, tem a mesma lingua, e nestes se faz a conversão, e tem grande respeito aos Padres da Companhia e no sertão suspirão por elles, e lhes chamão Abarê e Pai, desejando (2) a suas terras convertel-os, e é tanto este credito que alguns Portuguezes de ruim consciencia se fingem Padres vestindo-se em roupetas, abrindo coroas na cabeça, e dizendo que são Abarês e que os vão buscar para as igrejas dos seus pais, que são os nossos, os trazem enganados, e em chegando ao mar os repartem entre si, vendem e ferrão, fazendo primeiro nelles lá no sertão grande mortandade, roubos e saltos, tomando-

(1) Timino (Purchas, ib).

(2) they would come to (Purchas, ib).

lhes as filhas e mulheres, etc., e si não forão estes e semelhantes estorvos já todos os desta lingua forão convertidos á nossa santa fé.

Ha outras nações contrarias e imigas destas, de diferentes linguas, que em nome geral se chamão *Tapuya*, e tambem entre si são contrarias; primeiramente no sertão visinho aos Tupinaquins habitão os *Guaimurés* (1), e tomão algumas oitenta leguas de costa, e para o sertão quanto querem, são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos tem os couros muito rijos, e para este effeito açoutão os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos; não tem roças, vivem de rapina e pela ponta da frecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usão de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos, (2) para que em chegando logo quebrem as cabeças. Quando vem á peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua e são mui temidos, e não ha poder no mundo que os possa vencer; são muito covardes em campo, e não ousão sair, nem passão agua, nem usão de embarcações, nem são dados a pescar; toda a sua vivenda é do mato; são crueis como leões; quando tomão alguns contrarios cortão-lhe a carne com uma canna de que fazem

(1) Guamures (Purchas, ib).

(2) certaine stones made a purpose verie bigge (Purchas, ib).

as frechas, e os esfolão, que lhe não deixão mais que os ossos e tripas : si tomão alguma criança e os perseguem, para que lha não tomem viva lhe dão com a cabeça em um pau, desentranhão as mulheres preñhes para lhe comerem os filhos assados. Estes dão muito trabalho em Porto Seguro, Ilheos e Camamû, e estas terras se vão despoando por sua causa; não se lhe pode entender a lingua.

Além destes, para o sertão e campos de Caatinga vivem muitas nações Tapuyas, que chamão *Tucanuço* (1), estes vivem no sertão do Rio Grande pelo direito de Porto Seguro; tem outra lingua, vivem no sertão antes que cheguem ao Aquitigpe, e chamão-se *Nacai* (2). Outros ha que chamão *Oquig-tajuba*. Ha outra nação que chamão *Pahi*; estes se vestem de panno de algodão muito tapado e grosso como rede, com este se cobrem como com saio, não tem mangas; tem differente lingua. No Ari ha outros que tambem vivem no campo indo para o Aquitigpe. Ha outros que chamão *Parahiö* é muita gente e de differente lingua.

Outros que chamão *Nhandeju* (3), tambem de differente lingua. Ha outros que chamão *Macutú*. Outros *Napara*; estes tem roças. Outros que chamão *Cucaré*; estes vivem no meio do campo do sertão. Outros que vivem no mesmo campo que chamão *Nuhnú*. Outros vivem para a parte do

(1) Tunacunu (Purchas, IV, p. 1299).

(2) Nacij (Purchas, ib).

(3) Mandeiú (Purchas, ib).

sertão da Bahia que chamão *Guayand*, tem lingua por si. Outros pelo mesmo sertão, que chamão *Taicuyú* vivem em cazas, tem outra lingua. Outros no mesmo sertão, que chamão *Cariri* (1), tem lingua differente: estas tres nações e seus vizinhos são amigos dos Portuguezes. Outros que chamão *Pigrú*, vivem em casas. Outros que chamão *Obacoatidra*, estes vivem em ilhas no Rio de S. Francisco, tem casas como cafuas debaixo do chão; estes quando os contrarios vem contra elles bõ-tão-se á agua, e de mergulho escapão, e estão muito de baixo d'agua, tem frechas grandes como chuços, sem arcos, e com ellas pelejão; são muito valentes, comem gente, tem differente lingua. Outros que vivem muito pelo sertão a dentro, que chamão *Anhehim* (2), tem outra lingua. Outros que vivem em casas, que chamão *Aracuaiati*, tem outra lingua. Outros que chamão *Cayuara*, vivem em covas, tem outra lingua. Outros que chamão *Guaranaguaçu* (3), vivem em covas, tem outra lingua. Outros muito dentro no sertão que chamão *Camuçuyara*, estes tem mamas que lhes dão por baixo da cinta, e perto dos joelhos, e quando correm cingem-nas na cinta, não deixão de ser muito guerreiros, comem gente, tem outra lingua. Ha outra nação que chamão *Igbigra-apuajara* (4) senhores de paus agudos, porque pellejão com paus

(1) Caríu (Purchas, ib).

(2) Anhelim (Purchas, ib).

(3) Guainaguacu (Purchas, ib).

(4) Iobiora Apuajara (Purchas, ib).

testados agudos, são valentes, comem gente, tem outra lingua. Ha outra que chamão *Aruacug* (1), vivem em casas, tem outra lingua, mas entendem-se com estes acima ditos, que são seus vizinhos. Outros ha que chamão *Guayacatú* e *Guayaturun*; estes tem lingua diferente, vivem em casas. Outros ha que chamão *Curupehé* (2), não comem carne humana, quando matão cortão a cabeça do contrario e levão-na por amostra, não tem casa, são como ciganos. Outros que chamão *Guayó*, vivem em casas, pellejão com frechas ervadas, comem carne humana, tem outra lingua. Outros que chamão *Cicú* tem a mesma lingua e costumes dos acima ditos. Ha outros a que chamão *Pahajú*, comem gente, tem outra lingua. Outros ha que chamão *Jaicujú*, tem a mesma lingua que estes acima. Outros se chamão *Trupjó*, vivem em casas, tem roças, e tem outra lingua. Outros *Maracaguacú*, são vizinhos dos acima ditos, tem a mesma lingua. Outros chamão-se *Jacurujú*; tem roças, vivem em casas, tem outra lingua: Outros que se chamão *Tapuyú* (3) são vizinhos dos sobreditos acima, tem a mesma lingua. Outros ha que chamão *Anacujú*; tem a mesma lingua e costumes que os de cima e todos pellejão com frechas ervadas. Outros que se chamão *Piracujú*; tem a mesma lingua que os de cima e frechas ervadas. Outros ha que chamão *Taraguacú*, tem outra lingua, pellejão com fre-

(1) Anuacug (Purchas, ib).

(2) Cumpehe, Purchas, ib).

(3) Tapequin Purchas, ib).

chas ervadas. Ha outros que chamão *Panacujú*, (1) sabem a mesma lingua dos outros acima ditos. Outros chamão *Tipe*, são do campo, pelleão com frechas ervadas. Outros ha que chamão *Guacarajara*, tem outra lingua, vivem em casas, tem roças. Outros visinhos dos sebreditos que chamão *Camaragóã*.

Ha outros que chamão *Curupyá*, forão contrarios dos *Tupinaquins*. Outros que chamão *Aquirinó* tem diferente lingua. Outros que chamão *Piraguayg-aquiç*, vivem de baixo de pedras, são contrarios dos de cima ditos. Outros que chamão *Pinacujú*. Outros ha que chamão *Parapotó*, estes sabem a lingua dos do mar. Outros *Caraembá*, tem outra lingua. Outros que chamão *Caracujú*, tem outra lingua. Outros que chamão *Mainuma*, estes se misturão com Guaimurés contrarios dos do mar; entendem-se com os *Guaimurés*, mas tem outra lingua. Outros ha que chamão *Aturary*, tambem entrão em communicação com os *Guaimurés*. Outros ha que chamão *Quigtaio*, tambem communicão e entrão com os *Guaimurés*. Ha outros que chamão *Guigpé*; estes forão moradores de Porto Seguro. Outros se chamão *Quigrajubé* (2), são amigos dos sobreditos. Outros que chamão *Angarari*, estes vivem não muito longe do mar, entre Porto Seguro e o Espirito Santo. Outros que chamão *Amixocori* são amigos dos de cima.

(1) Paracuiu (Purchas, ib).

(2) Guigraillbe (Purchas, ib).

Ha outros que chamão *Carajá*: vivem no sertão da parte de S. Vicente; forão do Norte correndo para lá, tem outra lingua. Ha outros que chamão *Apitupá*; vivem no sertão para a banda de *Aquitipi*. Outros ha que chamão *Caraguatajara*; tem lingua differente. Ha outros que chamão *Aquiquira*, estes entrão em communicação com os acima ditos. Outra nação ha no sertão contraria dos *Muriapigtanga* e dos *Tarapé*, é gente pequena, anã, baixos do corpo, mas grossos de pernas e espaldas, a estes chamão os Portuguezes Pigmeos, e os Indios lhes chamão *Tapig-y-mirin* (1), porque são péquenos. Outros ha que chamão *Quiriciguig*, estes vivem no sertão da Bahia, bem longe. Outros que chamão *Guirig* são grandes cavalleiros e amigos dos ditos acima.

Outros se chamão *Guajeré*; vivem no sertão de Porto-Seguro muito longe. Ha outra nação que chamão *Aenaguig*; estes forão moradores das terras dos *Tupinaquins*, e porque os *Tupinaquins* ficarão senhores das terras (2) se chamão *Tupinaquins*. Ha outros que chamão *Guaytacá*, estes vivem na costa do mar entre o Espirito Santo e Rio de Janeiro; vivem no campo e não querem viver nos matos e vão comer ás roças, vêm dormir ás casas, não tem outros thesouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm ás casas mais que a dormir; correm tanto que a cosso tomão a caça.

(1) *Tœpijgiri* (Purchas, IV, p. 1300).

(2) *Of the Mountaines* (Purchas, ib).

Outros que chamão *Igbigranupá* (1), são contrarios dos *Tupinaquins* e communicão com os *Guaimurés*; quando justão com os contrarios fazem grandes estrondos, dando com uns paus nos outros.

Outros que chamão *Quirigmã*, estes forão senhores das terras da Bahia e por isso se chama a Bahia *Quirigmuré* (2). Os *Tupinabas* os botarão de suas terras e ficarão senhores dellas, e os *Tapuyas* forão para o Sul. Ha outros que chamão *Maribuió*; morão no sertão em direito do Rio Grande. Outros que chamão *Catagud*; esses vivem em direito de Jequericarê entre o Espirito-Santo e Porto Seguro. Outros ha que chamão *Tapuxerig*; são contrarios dos outros Tapuyas, comem-lhes as roças. Outros que morão pelo sertão que vai para S. Vicente chamão-se *Amocaxó*, forão contrarios dos *Tupinaquins*. Outros que chamão *Nonhã* (3), tem rostos muito grandes. Ha outros, e estes se chamão *Apuy*, morão perto do campo do sertão, são grandes cantores, têm differente lingua. Outros ha que chamão *Panaquiri* (4), differentes dos acima ditos. Outros tambem differentes que chamão *Bigvorgya* (5). Ha outra nação que chamão *Piriju*, e destes ha grande numero. Todas estas setenta e seis nações de Tapuyas, que têm as mais dellas differentes linguas, são gente brava, silvestre e indomita, são contrarias quazi

(1) *Igbigranupan* (Purchas, ib).

(2) *Cuirimure* (Purchas, ib).

(3) *Nonea* (Purchas, ib).

(4) *Panaguiri* (Purchas, ib).

(5) *Bigvorgya* (Purchas, ib).

todas do gentio que vive na costá do mar, visinhos dos Portuguezes: somente certo genero de Tapuyas que vivem no Rio de S. Francisco, e outros que vivem mais perto são amigos dos Portuguezes, e lhe fazem grandes agazalhados quando passam por suas terras. D'estes ha muitos christãos, que forão trazidos pelos Padres do sertão, e aprendendo a lingua dos do mar que os Padres sabem, os batizarão e vivem muitos delles casados nas aldeas dos Padres, e lhe servem de interpretes para remedio de tanto numero de gente que se perde, e somente com estes Tapuyas se pode fazer algum fructo; com os mais Tapuyas, não se pode fazer conversão por serem muito andejos e terem muitas e differentes linguas difficultosas. Somente fica um remedio si Deus Nosso Senhor não descobrir outro, e é havendo ás mãos alguns filhos seus aprenderem a lingua dos do mar, e servindo de interpretes fará algum fructo ainda que com grande difficultade pelas razões acima ditas e outras muitas.

NOTAS

Quando se estuda a manifestação da ideia por meio da palavra, o espirito deve procurar no exame dos radicaes verbaes a significacção mais generica possivel, a qual, sempre que for particularisada, o será mediante a addição de radicaes demonstrativos (prefixos e suffixos nas linguas aryanas).

Sendo assim, repugna-nos quasi instinctivamente a interpretação dos vocabulos, o mo a soem fazer geralmente, pela homophonia das dicções, o que induz aos mais graves erros, e é inteiramente contrario ao verdadeiro espirito linguista.

- Entretanto nas linguas que não têm monumentos escriptos, e cujo conhecimento, de mais a mais, nos é transmittido por meio de caracteres os mais differentes e variados, conforme o modo de representar os sons, isto é, seguindo orthographias inteiramente arbitrarias e differentes umas das outras, é, na falta de outros dados, justamente a homophonia o que nos póde guiar para acertarmos com o radical, que constitue o fundamento do vocabulo.

De Nhandui ou Yandui ou Jandui (nome do celebre morubichaba da Parahyba no tempo da dominação hollandeza) é difficil de se explicar como se formasse Jean Dory (no escripto de Roulox Baro), e ainda se chegasse ao nome alatinado por Barloeus na forma Jandovius

Evidentemente a homophonia aqui nos guia para que reconhecamos que, além do mais, existe em «Jean Dory» erro de escripta ou de cópia, porque, escripto com orthographia franceza, «Jeandoui» já corresponde bastante approximadamente ao nome *Nhandui* (celebre por ser optimo na carreira), nome este que nos reporta á *nhandú* (ave corredora) com o suffixo *i*, que póde ter sido alterado de *yb* principal.

Por consêquinte, apesar de reconhecermos que a homophonia não póde e não deve servir, por via de regra, para decidirmos do parentesco e derivação commum do vocabulo (como sevê em *cessão* e *sessão*), comtudo somos obrigados a acceital-a em diversas circumstancias.

Limito-me a este cavaco simplesmente para que se me desculpe, em diversas interpretações dos vocabulos que sêguem, o submeter-me por vezes a esse modo de explicar as dicções, tão geralmente seguido, mormente por aquelles que têm a mania de explicar as etymologias dos vocabulos dos indigenas, e que nesse intuito não trepidam em inventar radicaes que não ha, ou em formular combinações e composições inteiramente arbitrarías.

Já uma occasião observámos quanto é esturdia a

mania de se querer *por força* uma explicação e uma deducção etymologica para todo e qualquer vocabulo indigena e a impertinencia com que se exige d'aquelle que estuda linguas americanas a decifração de cada vocabulo, sem se importarem se esse vocabulo está ou não estropiadissimo. Na mesma occasião fizemos ver que tão exigentes em relação aos vocabulos das linguas americanas não o são igualmente em relação aos da propria lingua que fallam.

Querem por força que, quem estuda lingua de bugre, destrince por miudo, syllaba por syllaba, lettra por lettra, a palavra *tangapema* (cacete de guerra dos indios) e não são capazes de explicar nem approximadamente a palavra *durindana* ou a palavra *catana*.

Não é só. Como vêem na sciencia comporem-se palavras como *polypodio* (que julgam sufficientemente explicada logo que se reporta ao grego e se traduz—*muitos pés*), querem igualmente que se decomponha *cabiuna*, e não se contentam com saber que é o nome de uma arvore, tal e qual *cedro* é o nome de outra arvore em portuguez. Os homens, como emfim acham no dictionario, que *cedro* vem de *cedrus* (latim) e este vem de *kedros* (grego), ficam muito satisfeitos com isso, nada mais exigem em relação á palavra *cedro*, mas continuam a exigir uma explicação do vocabulo *cabiuna*, que elles querem vêr decomposto e distrinçado em radicaes, sem se lembrarem que bastaria então ao estudioso de linguas americanas responder-lhes: «é uma pa-

lavra do Abañeenga, justamente como *kedros* o é do Grego.»

O etymologista é intransigente, e, quando o estudioso não pôde satisfazê-lo, elle por sua conta e risco atira-se, decompõe a palavra á seu geito, inventa radicaes e os colloca como muito bem. Lhe parece, sem se importar se esse arranjo era o seguido na lingua indigena, e explica *caa-pi-una* matto ou pau de cerne preto! onde não ha um radical que exprima «cerne» e onde o arrançamento dos elementos é arbitrario. E o que é mais de admirar é que os mais impavidos para estas inventivas são homens do merito do Visconde de Porto Seguro, de von Martius, de E. Liais e do meu amigo Barbosa Rodrigues, nos quaes si se fiasse quem estuda linguas americanas, acabaria por *inventar* uma *lingua sui generis*, com um numero de radicaes dez ou cem vezes maior que os do Sanskrit, quenotanto, com o seu limitado numero de radicaes, é o tronco da gigantesca arvore aryana.

Refiro-me só a homens de sciencia, e não a poetas e litteratos, os quaes se entregam á inventivas com o maior desembaraço possivel; em outro escripto já o notámos em relação a J. d'Alencar, Salvador de Mendonça e outros.

Para tornar mais sensivel quanto é dura a posição do estudioso de linguas americanas perante as exigencias dos etymologistas, basta-nos a seguinte ponderação.

Tractemos da etymologia de uma palavra portugueza, por exemplo *pão*.

Dizem-nos vem do latim *panis*. E porque não de *panus* ou de *pannus*? deviam naturalmente perguntar os taes senhores etymologistas. E ahi então o Sr. Adolpho Coelho com os linguistas, armados com o estudo comparativo não só das linguas românicas, mas ainda das linguas do tronco aryano, pôde satisfazer ao exigente etymologista, fazendo-lhe ver que *pão* vem de *panis* por um processo de derivação proprio da lingua portugueza, do mesmo modo que *cão* vem de *canis*, analogo ainda até certo ponto com *mão* de *manus*.

Fundados no exame dos monumentos e tradições das linguas cultas, os linguistas têm podido formular leis que explicam as transformações dialecticas, e a formação das linguas modernas; de modo que, quando alguém venha objectar-lhes que, assim como de *paganus* veio *pagão*, tambem de *panus* ou *pannus* podia vir *pão*, elles respondem que: os processos de derivação dos vocabulos soffrem diversas alterações por diversos motivos, entre os quaes vigora um espontaneo e natural «limitar o homonymia». D'ahi havendo *pão* de *panis*, o portuguez deixou de parte o *panus* latino (fio de canella); e quanto a *panno* (*panus*) como tem dous *n*, não está no caso de *paganus* (*pagão*), de *civitanus* (*cidadão*), *christianus* (*christão*), *britanus* (*brotão*), *capitanus* (*capitão*), *germanus* (*irmão*).

Ainda mais. Sendo lingua romanica o francez tanto como o portuguez, e, correspondendo a *pão* portuguez o francez *pain*, e ainda em cima havendo o irlandez *paín*, o etymologista seria bem capaz de

derivar *pão* de *pain* francez, e este do irlandez *pdin* com tanto mais razão quanto, sendo o celtico um ramo do tronco aryano, a elle se reportam muitos vocabulos das linguas romanicas, principalmente das falladas na peninsula iberica e na antiga região das Gallias.

Aqui ainda, porém, vem o linguista explicar os factos mais concludentemente, e, fundado no estudo comparativo das linguas, e na concatenação das datas constantes das chronicas e do uso das palavras, vem demonstrar que tanto *pão* como *pain* vem do latim, porque d'ahi tambem vem o irlandez *pdin*.

O linguista confirma as suas illações fazendo ver que o mesmo processo que fez *pão* e *pain* de *panis* tambem fez *mão* e *main* de *manus*, *escrivão* e *écrivain* de *scribanus* (latim não litterario), *villão* e *vilain* de *villanus* (latim não litterario), *capitão* e *capitain* (depois *capitaine*) de *capitanus* etc., e que, quando occorrem certas circumstancias peculiares, as linguas derivadas modificam o processo de derivação de modo que, de um lado de *civitanus* (latim vulgar) vem *cidadão*, porém em francez por outra fórma *citoyen*, de *paganus* vem *pagão*, em francez *payen* (e depois *paien*), de *decanus* vem *deão*, em francez *doyen*, e por outro lado do mesmo *decanus* vem em portuguez *decano*, de *humanus* vem *humain* em francez, mas *humano* em portuguez, de *germanus* vem *germain* em francez, mas *germano* e *irmão* em portuguez, etc.

Póde-se fazer isto em relação ás linguas ame-

ricanas? Onde estão os escriptos, onde colher as tradições, e como fixar as epochas das diversas transições ou evoluções de tantas linguas que se revelaram ao mundo europeu nos fins do seculo 15° e começo do 16°?

A comparação núa e crúa dos vocabulos, unica mente pela semelhança de pronunciação, auxiliada apenas por algumas regras vagas e muito geraes ácerca da transformação phonetica dos vocabulos (como por exemplo *yba* em *uba* e *iba*, e *uma* e *ima*), sem se saber qual é o mais antigo, si o Kechua ou Abañeenga, etc, eis o com que tem de se haver quem estuda as linguas americanas.

Na impossibilidade de explicar *carai* por meio de radicacs do Abañeenga, supponha-se que recorressemos ao Kechua *cara-uma* (calva cabeça) applicavel a diversas tribus que foram designados por *Coroados*. Pergunta-se: realmente o Kechua é mais antigo que o Abañeenga? ou pelo menos pode-se affirmar que este recebesse d'aquelle muitos vocabulos? Será legitima a composição prepondo o adjectivo ao substantivo? e assim outras duvidas.

Em cada lingua uma leve mudança de articulação ou de som modifica e até faz differença na significação, ao passo que, comparada uma lingua com outra, vê-se que sons que faltam n'uma e apparecem em outra são na primeira evidentemente suppridos por sons diversos, mas equivalentes.

Assim no Kechua *cara-pelle*, modificado em *kara* (ou como escrevem os Espanhóes *ccara*) exprime «pellado»

Precedentemente vimos que *cara* é adjectivo e significa «calvo».

Em Abaíeenga ha *koty*-para (posposição), *kyting* (verbo) cortar, e (substantivo) piolho branco, *kytd-nó*, etc. Muito leve alteração phonetica correspondendo a grande differença de significado. Entretanto temos *Guaycurú*, que, diz Martius, «soll aus der Tupisprache herkommen und *schnellaufende Leute (Oatacuruí uara)* bedeuten» e que me parece apenas pronunciação á guarany de *cocoloth* e de *Oaekakalot* (nome que se davam os Tobas, ou Linguas ou Guaycurús á si mesmos). Faz isto lembrar a explicação que deram a S. Hilaire em Minas da palavra *Arachá*, dizendo-se ser a resposta do preto aos que procuravam a mina de ouro: *are-áchá*, portuguez de preto por *ha-de achar*.

Não cabendo nas minhas forças o publicar um trabalho completo, onde se discutam os radicaes do Abaíeenga um por um, de modo que a elles se possam reportar com alguma connexão os diversos vocabulos compostos, e seja possivel, pelo complexo d'esses radicaes, concatenar a legitimidade de taes e taes derivações, vejo-me na necessidade de aproveitar as occasiões de publicação que se me offerecem e de ir apresentando desconnexamente explicações destacadas dos vocabulos, que tenho occasião de discutir.

E' obvio o inconveniente que d'ahi resulta, mas devo resignar-me, ainda mesmo correndo o risco de me pôr a bater a campanha como o meu amigo Barbosa Rodrigues, e o fallecido Varnhagen.

A mania das etymologias tem seu *que* de contagiosa, e visto não poder publicar o estudo do Abaíenga com tal ou qual *analyse scientifica* dos radicaes, aqui vou tambem esgarafunchar etymologias.

Devendo apenas nestas «notas» procurar explicar os vocabulos indigenas, si eu pretendesse desenvolver mais este trabalho, e por exemplo quizesse dar o nome da «corda» (e a respectiva explicação) do de que falla o autor dos «Indios do Brazil» na pag. 21, o qual nome foi omittido nessa pagina, é claro que a titulo de «notas» estes apontamentos podiam tomar tal desenvolvimento que só por si constituiriam um enorme vocabulario.

Limitei-me portanto a tractar só dos vocabulos que se deparam no escripto dos «Indios do Brazil»

Ainda outra ponderação.

O maior numero de vocabulos estranhos ao portuguez, que se acham neste livro, é para denominar tribus. Seria muito naturalmente arrastado o leitor a ver aqui desenvolver-se uma lista dos nomes das tribus indigenas com a respectiva explicação, mas então ahi teriamos de desenvolver mais largas considerações sobre os primitivos incolas do Brazil, e, já se vê, isto sáe da orbita legitima de simples «notas».

Em geral na explicação dos vocabulos procedo systematicamente, procurando reportal-os unicamente a radicaes do Abaíenga, e apenas recorro á comparação com outra lingua quando de todo o vocabulo não é explicavel pelos radicaes do Abaíenga ou quando a analogia de significação

e a semelhança da fôrma dos vocabulos, (por exemplo em Abañeenga e Kechtua) é tal que se não pôde contestar a communidade de origem.

Já em outro logar disse que, antes de proceder á comparação, era necessário procurar fixar o mais possível os radicaes da lingua, para se ter uma base de comparação.

Assim, pois, com respeito ás tribus, tambem nos limitamos simplesmente a procurar dar alguma explicação dos nomes com que são designadas, e unicamente dos nomes que se acham n'este livro « OS INDIOS DO BRAZIL ».

Ainda mais. Daremos estas explicações com as maiores reservas e prompts a aceitar as correções que se fizerem, porque em geral *taes nomes de nações não são mais do que alcunhas, com que se designavam as cabildas umas ás outras* (Visc. de P. Seguro—Hist. G. do Brazil 1854—T. I pag. 101). A interpretação d'esses nomes é tanto mais difficil quanto maior é o estropiamento do vocabulo, estropiamento que quasi sempre é muito difficil reconhecer, e destrinçar.

Accresce a tudo isto que muitos desses nomes poderão não pertencer ao Abañeenga (*a lingua geral*) e outros até poderão ser de mera inventiva d'algun narrador.

Sei que me hade prejudicar o deixar-me arrastar pela mania das etymologias; sei que, por mais cautelas e resalvas que empregue, terei de cahir em graves erros de interpretação, mas que fazer? Trabalho serio, onde expendesse alguns principios e

pudesse me livrar de impertinencias não ha meio nem de levar á cabo, nem de publicar. Isto no Brazil não tem sahida, salvo grande sacrificio do proprio autor. La vou pois com os etymologistas aguas abaixo.

Embarafusto pelo perigoso caminho das etymologias, e só pedirei aos senhores etymologistas, que contra a minha vontade me arrastam, e pedirei como simples retribuição das etymologias americanas, que lhes dou :

Expliquem-me e dem-me as etymologias de tantas palavras que figuram nos dictionarios, e que não são americanas.

Por exemplo :

A etymologia de *burra* não só quando significa «a femea do burro» mas ainda quando quer dizer «cofre de quem tem dinheiro.»

A etymologia de *açoita-cavallo*, nome de uma arvore, de *Gonçalo-Alves*, nome de outra arvore etc.

E outras mais.

АВАРТЭ (pag. 29).

Tem duas significações inteiramente contrarias ; ambas vem no Tomo VII dos A. Bibl. e são : 1.º, *aba-été* « homem real, verdadeiro, positivo » litteralmente, e « illustre distincto, honrado » por translação ; 2.º *abd-été* « homem desfigurado, feio, descomposto, horrivel, temeroso ». Este segundo tambem supozemos poder interpretar-se *a-bai-été* ou *a-mbai-été* « pessoa má muito, homem muito ruim ». Cumpre-nos afinal notar que não só neste, como em muitos outros vocabulos, podem e parecem coincidir duas significações antitheticas, dependendo só do tom, com que se diz o vocabulo, a determinação do sentido, que se lhe attribue. Nas linguas cultas mesmo

se diz: « é um temível » podendo « temível » ter significados oppostos. Diz-se ironicamente « és um santo homem, és um anjo ». Não é ironia, mas a idêla se enuncia do mesmo modo que na ironia, quando se diz com ternura « és um diabrete, és um demoninho ».

ABARÉ (pag. 32).

E' o vocabulo com que no Abañeenga ficou-se designando « o padre catholico ou christão », porém tambem servindo para designar em geral « sacerdote, vigario, clérigo ». Montoya dá uma explicação desse vocabulo que vem na pag. 177 (§ 14) da CONQUISTA DO PARAGUAY reimpressa no Tomo VI dos ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL. A explicação dada por Montoya é, *abá*-homem, *ré*-diverso (por guardar castidade). Notando-se porém que « diverso » se exprime por *d*; que o absoluto *té* (errar, divergir) perde o *t* mas não apresenta exemplo de mudar esse *t* em *r*, *h*, *gu*, parece que antes conviria considerar *ré* como um suffixo, o qual valendo por vezes o mesmo que *huer* deve e póde ter as mesmas significações. Deste modo o suffixo *ré* serve de dar força ao vocabulo do mesmo modo que *huer* em *tantanquer* (os esforçados, os valentes) derivado de *tantã* duro, forte, rijo. Portanto *abaré* significaria « o homem, ou a pessoa humana por excellencia » e ainda « o illustre, o eminente ».

AENAGUIG (pag. 37).

Este nome de tribu não se acha entre os ennumerados por Simão de Vasconcellos, nem no Roteiro de Gabriel Soares, Von Martius, que laboriosamente colligiu o maior numero de nomes de tribus, tambem não no dá no *Beitragge zur Ethnographie*. Ser-nos-há licito suppôr que *aguig* esteja por *aqui* ou *oqui* (collateral ou derivado)? (Veja-se o expellido em *Tupinanquim*). Sendo assim póde-se interpretar *Aenaguig* o collateral, o derivado (descendente) do outro. Note-se que *ae* além de outros significados exprime « outro » (adjectivo) e repare-se que existe no Abañeenga não só *ace*-pessoa em geral, mais ainda *ahé*-o tal, aquelle, fulano. E' dever do estudioso apontar esta associação de significados das diversas dicções com pequena alteração de letras aqui ou ali, mas como se exigir d'elle que dê uma explicação cabal de vocabulos, que ninguem sabe como e quanto foram estropiados?

AMIXOCORI (pag. 36).

E' tribu que não figura na lista dos nomes dados por S. de Vasconcellos, nem no Roteiro de G. Soares, nem na Ethnographia de Martius. Para evitarmos a repetição desta referencia em outros nomes de tribus, n'estas notas nos reportaremos ao que dizemos neste e no vocabulo precedente.

Não acho maneira alguma de explicar este nome de tribu' e limito-me á fazer ver que ahi temos uma phrase bem regular em Abaíeenga: *Ami-ho-co-ri* costumam vir por cá, ou costumam vir estes por ahi. Até nem eu devera escrever *ho* por *cho* porque realmente a fórma *cho* tambem apparece por vezes, cumprindo-nos notar que em *cho* está implicito o pronome (Veja-se T. VI dos Annaes da Bibliotheca).

AMOCAXÓ (pag. 37 e 38).

Este nome não vem em nenhuma das listas citadas em *Amixocori*. Quanto á explicação apenas notarei que *amo* entre outros significados tem o de « longe, lá » e que *amoipi* em *amboipir* quer dizer « os de lá, os oriundos de lá ou de longe » e que com este nome ha designação de tribus nos autores. Noto tambem que a syllaba final *ó* póde filiar-se á *io, jó, yó* suffixo que apparece em muitos nomes de tribus. Vê *Caríjo*, e tambem *yoc*.

ANACUJU (pag. 35).

Pelo Abaíeenga parece-me muito difficil explicar este e outros nomes, principalmente attendendo-se ás syllabas finaes *cuju*. Como desgraçadamente as annotações dos sons pelos chronistas é tão imperfeita que elles nem dão a accentuação, nem a quantidade, resulta que se tem duvida até se é *cuyo, coyo, cuya, coyá*, etc. Na fórma *coya* podia ter tal ou qual explicação pelo Abaíeenga (veja-se a palavra *Guayandá*), e neste sentido haveria relação com o Chilli-dugu onde ha *coyagh* ajuntamento, e os verbos *coyaghtun, coyagn*-parlar, fallar em assembléa. Note-se que em *aná-coyá* ha uma troca de logar dos themas de *coya-aná*, o que não seria inadmissivel no Abaíeenga. Considerando, porém, que neste livro ha muitos nomes terminados em *cuju* e ainda mais simplesmente em *ju* parece mais natural reportar estes nomes ao Kechua, e explicar-se *ju* por *yoc* suffixo desta lingua. *Anacu* em Kechua (alem de outros significados e de outras formas deste nome)

significa « manto, capa »; portanto *Anacuju* seria « os que têm capa ou manto ».

ANGARARI (pág. 36).

Não vem nos autores citados este nome. Literalmente pôde-se traduzir *anga-rory*, alma alegre, não obstante ser mais regular *anga-ory* com *ory* adjectivo. Como porém era usado o verbo *ang-hory* estar contente, por dissimilação era natural dizerem *angá-rory* alma alegre, os alegres, a gente alegre.

ANHANG (pag. 2).

Parece que literalmente se pode explicar por *a-nang* (encesta a gente, mette a gente em cesto, ou apanha a gente) e assim se expoz no Tomo VII dos Annaes da Bibliotheca. Considerando-se porém que, conforme as tradições, *Añang* é o opposto de *Tupã*, e que assim como este exprimia o *espírito do bem* (que dispensava cultos, donde o dizer dos filhos da Iberia, que elles não tinham Deus, nem religião), parece que *Añang* exprimia o *espírito do mal*, (à quem elles votavam offrendas para o subornar). Assim pode-se interpretar *añang* = *ai-ang* (a cada passo se vê *i=j=n*) ALMA DO MAL em contraposição á *Tupã* = *Tub-ang* ALMA DO PAI (ou dos pais), DO PROTCTOR, DO CREADOR. Sem ainda poder affirmar que o *l* ou *lh*, *ll* do Chillí e do Kechua correspondam ora á *r* ora á *n* do Abañeenga, por demais notó que em Chillí *athue* significa « diabo ».

ANHELIM (pág. 34).

Não me parece explicavel este nome, nem ainda interpretando os sons á moda dos etymologistas quando traduzem *Florentina* por *flor em tina*, *Arachá* por *ha-de-achar*, *Concituere omnes* por *com tigo era o homem*. Tambem não figura em outras ennumeraciones de tribus e o nome que mais se lhe approxima é *Arari*, o qual igualmente não é muito explicavel pelo Abañeenga, e ao qual, como é intuitivo, devem pertencer os nomes dados nos « Indios do Brazil ». *Arary* é nome de tribu pertencente ao tronço Aymoré e ainda ao ramo Ge (á admittir-se a classificação de Martius). Aqui apenas observaremos que *aro* em Aymará é « fallar » e « lingua » e *arara* fallador.

Veja-se GUAIMURÉ.

ÁPIGAPIGTANGA (pag. 31).

É evidentemente vocabulo do Abaíeenga, susceptivel de muitas explicações, já pelo thema *apig* (*apyi*, *apyg* etc.) já pelo thema *apigtanga* (*apyita*, *apya*, *apitang* etc). Confirmando a minha repugnancia para interpretar as palavras pelo que soam, o que conduz á disparates (veja-se *Anhelim*) aqui temos um nome que se pode interpretar de muitos modos, alguns dos quaes quasi litteraes, como *apyiña* (em tupi *apyiña*) *pitanga* ponta de nariz vermelha. Mas procurando-se relações e subordinações entre estes diversos designativos, é preferivel antes guiar-mo-nos por analogias, ainda sendo necessario alterar um pouco a palavra. Comparando-se este nome com *Muriapigtanga*, que vem na mesma pagina, é admisivél dizer-se (com um *t* pronominal affixo) *Tapigapigtanga*, formado de modo analogo com o outro, de *tapyi* (*tapiig*) *apyita* em Tupi cabilda de selvagens, de inimigos, de *tapuyas*.

APITUPÁ (pag. 36).

Outro nome que não figura nas listas de tribus dadas pelos auctores, e que pôde ter diversas explicações pelo Abaíeenga. Atenhamo-nos porém ao sentido que dá litteralmente o adjectivo *apitupa* (pela regra que consta dos T. VI e VII dos ANNAES) o qual significa « os desalentados, os desanimados. »

APUY (pag. 38).

Além de não figurar nas listas de tribus, apresenta-se de modo que pôde ter muitas explicações e por fim nenhuma, por não haver motivo concludente que autorise uma interpretação. Couaa que encabece a significação de «cantor», não ha no Abaíeenga. Neste ha o adjectivo *puí-lepido*, prompto, expedito, *poi* mão-zinha, e tambem «fibra fina» e adj. « delgado, fino » e outros assim. A prepositiva adjectiva dora *a* apenas será admisivél com *poi* n'algum caso, porque em outros já *poi* e *puí* são adjectivos. Do verbo *poi* dar de comer, e do verbo *poir* (*poi* com queda do *r*) soltar a mão não sei se seria facil derivar adjectivo com *a* prefixo. Tem ahí em ultima analyse os etymologistas muito onde escolher. Notarei de passagem que *apu*, *apo* significam «chefe» em Chilli, em Kechua, em Aymará etc.

AQUIGUIRA (pag. 36).

Além de não figurar nas listas de tribus, accresce que se não sabe si é *akiguira*, *akui* ou *akoiguira*, *akiguira*, e ainda mais as variantes com *guira* formando muito diferentes compostos. Em S. de Vasconcellos ha uma tribu *Aquinau* com o thema *aqui*, porém *quid inde?* Entretanto não deixa de ter importancia este nome em que entra o thema *aqui*, pois elle entra ainda nos tres nomes que aqui se seguem. Será *akir* (que póde deixar cair o *r*) que significa « molle, fraco, e ainda covarde? » E o resto? será *guira* abaixo de? E *akiguira* ultra-covarde? Não lhe acho muito feito porque neste caso seria mais propria a pospositiva *bé* de comparativo.

AQUIRINO (pag. 36).

Veja-se o expendido no vocabulo precedente, e note-se apenas que *akir-i-nō* é uma phrase « são covardes elles tambem. »

AQUITIGPE (pag. 33).

Veja-se o expendido em *Aquiguira*. Quanto ao mais é de notar que nos « INDIOS DO BRAZIL » todos os sons habitualmente representados por um *i* especial em Montoya, por *y* pelos portuguezes, apresenta-se *ig*, e que como este *i* é brevissimo, elle se contráe frequentemente com a vogal que o segue ou o precede. D'este modo podia haver *aky-teyi*, « multidão de fracos, sucia de molleirões ». Fica, porém, por explicar-se a prepositiva *pe* e ainda notarei que em *teyi* sendo *t* pronominal, no composto devia ficar *aky-reyi*. Cumpre ainda notar que no livro como está empregado *Aquitigpe* não designa « tribu » e sim « local » e ahí cabe a locativa *pe*.

AGUITIPI (pag. 36).

Veja-se o expendido em *Aquiguira*. Quanto ao mais, não será este simples adulteração do nome precedente ou vice-versa?

ARACUAIATI (pag. 34).

Primeiro que tudo notarei que *araquaaí haty* é litteralmente « o lugar frequentado pelos entendidos, o *rendez-vous* dos sabidos » (a contracção dos dois *a* em *um está feita em *paraguay*)

e a queda do *h* é facilima); depois ainda notarei que é possível *araquai* adj. cingido, com cinto, com facha, e *aty* as fontes da cabeça, as temporas. Como nome de tribu, porem, importa-nos consideral-o por outra face, e veja-se *auca*. Como d'este thema *auca* se derivam o designativo *arauca* e *araucano*, não sei, mas por um metaplasmo simples e pelo augmento de um suffixo vê-se que de *arauca* podia se derivar *aracuaia* se porventura existisse o termo em ABANHEENGA e então *aracuaiaty* se podia interpretar por pousada ou pousio dos Araucas ». Não deve ficar esquecido que com *Aracuaiaty* tem semelhança *Araguaya* nome do nosso grande rio de Goyaz.

ARA, com accentto já na primeira já na segunda, é thema que entra na composição de muitos vocabulos e nos nomes de muitas tribus. Este thema existe no *Abañcenga*, mas de fórma que por meio d'elle não se podem explicar as denominações de tribus. Contemplo-o aqui para fazer as seguintes considerações. *Aro* na lingua dos *Aymaras* significa lingua, palavra, mandamento, licença, etc.; dá muitos derivados como *arara* e *arocamana* fallador, parlador. notando-se ainda que *Aymara aro* (lingua do Aymara) é synonymo de *haque-aro* (lingua de gente). O Kechua é aparentado e até parece que derivado do Aymarâ, e os Aymarâs constituam o grosso da população do Perú e da Bolivia quando os Incas tomaram conta do paiz. Compare-se ainda o que se expende na palavra *Guaymurâ*. Parece-me que este thema *ara* reportado ao Aymarâ, assim como *auca* reportado ao Kechua e ao Chilli podem explicar muitos nomes de tribus, mas faltam dados para se definirem as composições e derivações. Afinal *arâ* vulgo *arâra* é o nome de alguns *psittacus* que no T. VII dos Annaes dei como onomatopaeico.

ARARAPE (pag. 31).

Conforme o que dissemos em *ara*, se é licito o hybridismo de composição, podia-se decompor este nome indifferentemente em *ara-rapi* ou *arara-pi* (caminho dos falladores ou dos parladores). Mas vá isso unicamente por conta dos etymologistas, pois que tal explicação nem pôde servir propriamente para um nome de tribu. Parece que hoje já se não trepida em formar vocabulos compostos do thema latino com thenia grego, e de themas de linguas mo-

dernas com *themas* das outras duas, mas não sei até que ponto isto nos autorisa á compor *ara* ou *arara* (do Aymará) com *rapé* ou *pé* (do Abanheenga).

•ARI (pag. 33)

Como vem nos «INDIOS DO BRAZIL» não designa tribo e sim lugar, e em Abanheenga *ari* simplesmente não tem explicação nem para uma cousa, nem para outra. *Ariú* «sarpentos ou bexigosos» talvez pudesse ser appellido de tribo.

ARUACUIG, na nota Anuacuig (pag. 35).

A forma que vem em Purchas (a segunda) parece ainda mais difficil de se interpretar. Quanto á primeira limitamo-nos a notar o *thema aruac* (tambem nome de tribo no norte) e reportamo-nos ao expellido em *ara* e *auca*.

ATURARY (pag. 36).

Nos «Indios do Brazil» parece não estão nem podiam estar comprehendidas as tribus do Amazonas, principalmente superior. Não sei pois se os *Aturary* tem alguma cousa de commum com os *Aturiari* que vem na lista de S. de Vasconcellos (§. 30 L. I COUSAS DO BRAZIL), nem tão pouco se estes são identicos com os do Tacutú affluente do Rio Branco, mencionados na Ethnographia de Martius; que dá (pag. 562) *Ataynarú* ou *Aturahi* e traduz por *korbflechter*. Em ABANHEENAG, em KECHUA, em AYMARÁ, em CHILLI e outras ainda não vejo vocabulo algum parecido com estes, que signifique «tecedor, fabricante de cestos, de peneiras, etc.». Em Abanheenga temos *atiriri* pequenino, murcho, encolhido, e de *atur* em Tupi *atura* curto, breve. etc., ainda se concebem outros derivados, para designar «os chatos, os pequenos, os anões». Podia ainda explicar-se por *atirayb* «chefes de topete» e por outras formas; mas tudo é conjectural.

✕ AUCA

Em CHILLI-DUGU temos *auca*-rebelle, levantado (e dizem tambem «cimarron, montaraz»). Em KECHUA-CALLU *aucca* adversario, inimigo tyranno (e ainda como verbo: «batalhar, pelear» com os derivados *auccak* soldado, *auccay* batalha, peleja, etc.). Em AYMARÁ (Haque-aro) ainda *auca* inimigo, e derivados como em Kechua. Não se póde deixar de notar ainda

que em Kechua *hauca* é verbo « vagar, folgar » e também com um derivado exprime « vagabundo, vadio ». Deixarei de apontar outras coincidências (como o de chamarem os Patagões aos Chilenos *yacah*) e só ficará fixado que *auca* é d'onde se deriva *arauco* e *araucano* nomes pelos quaes se celebrisaram os livres habitantes do montuoso Chilli e que ainda a sciencia adoptou para a bella conifera *Araucaria*. Não deve ficar desaperebido que *haque* na lingua dos Aymarás significa « homem, gente, pessoa - d'onde : *Haque-aro* (a lingua Aymará) significando o mesmo que *Aba-ñeenga* (lingua de gente). Para ultimar a confrontação d'esse thema (susceptivel de varias alterações) ainda devemos notar que ha no Abañeenga o verbo *acab* brigar, rugar. Depende de muito mais longo estudo e de severa comparação das linguas a determinação da variação dos vocabulos connexos com o thema *auca* ou *aca*, com o qual talvez possam ter parentesco até *guarani*, *carini*, *galibi*, *caribi*, *carai*, etc. Pela fórma do thema *arauca* ainda se podem aparentar com elle as designações de muitos outros povos da Sul-America como *aruac*, *arauac*, *aroaki*, que embora proprias da parte norte da Sul-America, comtudo podiam sér provindas do Perú, de lá trazendo o nome de *arauca* rebeldes ou fugidos, ou ainda *uraycu* descidos, no caso que proceda o que diz Martius na *Ethnographia*, pag. 429. No Kechua ha ainda *harca* (do verbo *harca*) aquelle que impede, estorva, no Aymará também *arcami*- el mitayo del Tambo, que igualmente podiam fornecer designativos para tribus. Ainda em Aymará *auqui* pai, senhor, em kechua *auki* o primogenito do Inca, ou rei.

AVASATY (evidentemente *avasaty* é erro de escripta, porque não ha *l* em Abañeenga) (pag. 2, nota). E' nome inteiramente novo para mim e, vendo-o applicado ao demo, parece-me quasi poder reportal-o á duas etymologias diferentes, das quaes a mais natural é *aba-hati* (homem chifrado ou cornudo) não obstante faltar o suffixo de participio *aba-hati-bae*, por que isto acontece mais vezes, e encontra-se o radical verbal empregado como adjectivo sem esse suffixo *bae* ou o seu equivalente *hara*. A segunda etymologia daria *aba-haty* (borra ou fezes de gente); mas além de não ter isto grande significação, acontece que me não parece natural a composição do vocabulo tornando *aba* genitivo regido de *haty*.

BIGVORGIA (pag. 38).

Naturalmente está muito estropiado este nome, e demais não figura nas listas de tribus. Parece-me por enquanto impossível tentar explicá-lo.

CAAETÉ (pag. 31).

Litteralmente *caa-eté* quer dizer «matto verdadeiro, ou real» e também «herva verdadeira, folha grande, folha larga»; também significa «matto de paus grandes, ou grossos, ou, matta virgem». No sentido de «folha grande, ou larga» foi applicado ás Heliconias e outras Musaceas; e applicado á alguma Amomacea, parece-me que *caité* (como dizem) devera ser *cuateté* derivado de *eaquã-eté* muito cheiroso, ou cheiro verdadeiro, cheiro real. Como nome de tribu parece-me inadmissível o vocabulo acima definido, e n'este caso me reportaria antes á *caĩ* envergonhado, ou corrido, á *cái* queimado, e mesmo á *aká-até*, cabeça torta, cabeça virada e ainda a outros themas. Não ha base para nos fixarmos em um thema. Se o gentio *Caité*, dono da costa desde o Parahyba até S. Francisco (G. S. Souza pag. 38), pertencia á familia *Tupi* é de estranhar que lhe dessem um nome sem parentesco algum com os dados ás outras tribus. Este gentio foi exterminado, conforme se vê em G. S. S. e realmente já não figura na lista dos de S. Vasconcellos. Como dizem que era um gentio muito feroz, ainda podia-se explicar o seu nome por *aca-été* cabeça dura, por que por vezes vemos *été* por *atã*. Se, como narram G. S. S. e Southey este gentio usava de uma especie particular de canôa, suggere isto uma interpretação para o nome que lhe davam as outras tribus *yga-até-ri-guara* aquelles que têm canoas diferentes (feitas de uma palha comprida como a das esteiras de tabúa G. S. S. pag. 38). A queda da ultima parte da phrase (*ri* posposição, e *guara* o participio contracto) não é cousa que se possa estranhar, attentos outros exemplos de phrases, que tomadas como designativas perderam parte dos themas componentes. Assim aqui *yga-até* canoas diferentes ou diversas ou ainda erradas, até em portuguez, apenas precedido do artigo (os canoas-diversas), podia servir de designativo. Vê-se também que, por esta fórma ainda se pôde explicar o nome

de tribu pelos primeiros themas *caa-sté-riguara*, os sujeitos os homens da matta virgem.

CAATINGA (pag. 33)

Litteralmente *caa-tinga* herva branca, matto branco e ainda folha branca; o nome se estendeu aos mattos enfezados e carrascos, de vegetação não luxuriante e que apresentam uma côr esbranquiçada; é expressão da linguagem brasileira hoje *catanga*. Com o significado de « bodum, máu cheiro » é tambem adoptado na linguagem brasileira; creio ser de formação diversa, mas tenho minhas duvidas em reportal-o *caquatui* o que exhala cheiro, o fedorento.

CAJUARA na nota Caiuari (pag. 34).

Interpretando este nome como sóem interpretar von Martius e outros (por exemplo *poti-uara* comedor de camarão), teriamos immediatamente *cajú-uara* comedor de cajú (em Tupi *uara* por *uhara* ou *guara* é frequentissimo) Está-me parecendo, porem, ser um dos vocabulos que mais alterado tem sido, e que se apresenta sob fórmãs muito variadas.

Em Abaíecenga temos *caa-pe-guar* o que é do matto, silvestre, montez etc., e ainda *caa-i-guar* (posp. *i* por *pe*) o que é do matto, mattuto, matteiro, etc.

Alem disto ainda ha *caguar* bebedor e bebedo em geral, contracto de *caa-guar* bebedor de herva ou mate e de *caui* ou *cagui-guar* bebedor de cauim ou de vinho (veja-se Annacs T. VII *guar* partic. de *teó* ser, e partic. de *ú* comer). Note-se porem que os Paraguayos chamam em geral aos indios de mattas, *Caaygua*, e que sendo frequente a queda do *g* em Tupi, ali temos *Caayua*, nome pelo qual ainda se designam tribus do Matto-Grosso e creio que tambem de Goyaz.

Parece até que podem considerar-se como adulteração do mesmo nome que significa: mattuto ou matteiro; os seguintes: *Cayora*, *cahayba* (Ethnog. Mart. pag. 383) no Tapajoz, *Cayua*, *Cayouca* (Idem pag 767) no Paraná, *Cayuvaua*, *Cayubada* nome de tribu moxeana (d'Orbigny T. II, pag. 254) e ainda outros. O epitheto generico de mattuto ou matteiro cabe á tribus de ramos .quasquer, designando

os homens do matto,, pelo menos tão apropriadamente como ainda hoje os litteratos portuguezes nos chamam, a nós os brasileiros, de mattutos.

Na lista dos povos diversos não tupis, que apresenta S. de Vasconcellos, vem *Cagoa* que pôde tambem reportar-se á este, notando-se comtudo que pelos sons vai ter antes á *Caguar* bebedo.

CAMARAGÔA (pag. 35).

Conforme é de uso interpretar-se, bastaria vêr-se *camaraguar* comedor de camará, e estaria resolvida a questão. Mas para nome de tribu seria até mais concludente socorrer-mos á uma composição como *akāparagua* cabeça engrinaldada, ou com uma corça. Mas para que se veja que tudo isto é muito arbitrario e não conduz á resultado algum positivo, basta considerar-se que é frequente nos autores esquecerem-se da cedilha do *ç* e é isto sufficiente para termos cousa inteiramente diversa como *camaragôa* ou *samaragôa* que tem analogia com *samarua* nome de tribu que vem na lista de S. de Vasconcellos. Este ultimo nome pôde reportar-se á radicaes os mais differentes possiveis, e não havendo indice algum que mostre a intenção da denominação, parece-me vã a tentativa de explical-o. Diz o texto que os indios por este nome designados « tem outra lingua, vivem em casas, tem roças » e pelo Abaŕeenga só se poderia talvez reportar á algum radical connexo com ideia de « ter ou fazer roça ». Veja-se o vocabulo seguinte.

CAMUÇUJARA (pag. 34).

« Estes indios, diz o texto, têm mamas que lhes dão por baixo da cinta e perto dos joelhos e quando correm cingemas na cinta, etc. » Se não tudo ao menos parte acha-se litteralmente expresso por *cam-uçu-yara* peitos grandes que tem, ou os que tem longas mamas. Aqui tem-se apenas de notar que *yara* é participio referente á radicaes muito diversos, é infinitivo de outro verbo (que pôde servir de participio), mas que não é regular nem facil attribuir-se-lhe o sentido de « tente » (participio de « ter »); com tudo é o unico modo de se interpretar o nome como se nos apresenta, e então *yara* será o substantivo « dono » (derivado de um infinitivo *ar*, ou participio de outro verbo *é*. Veja Annaes. T. VII).

CANGUEIRA (pag. 11).

Vem de *cang* osso com o suffixo de preterito *cuer* designando « osso já fóra do corpo » depois particularisado para exprimir « osso da canella. tibia » e translato para « canudo, tubo ». O canudo do « pito » era expresso em geral por *petyngwab* (chupadouro do tabaco), substantivo verbal do verbo *petydr*. Em Tupi acha-se *petymbuab*, mas como notamos nos Tomos VI e VII dos ANNAES DA BIBL. as articulações *c*, *q*, *g* do Abaíeenga apparecem frequentemente em Tupi trocadas em *p*, *b*. Tambem notamos que *petymbuaba* podia ser o substantivo verbal de *petymbú* (beber *petyma*).

CARA ou ainda *cára* é thema que figura em numerosos vocabulos e em nomes de tribus, e que carece ser examinado um pouco por miudo. Em CHILLIDUOU ha *cára* povo, forte, castello, cidade. Como ha tambem nesta lingua o verbo *nien-ter*, não sei até que ponto será licito reportar á estes themas o vocabulo *guarani* (vê *yoc*). Na lingua dos AYMARÁ ha varios themas *cara*, *ccara* etc., dos quaes um que significa « an, chicorto » reporta á *carapé* em ABANEENCA, e outro *kara* coincide com o Kechua, e parece tambem ter derivados correspondentes em ABANEENOA. Neste caso está *kara* pellado (segundo Bertonio) correspondendo á *hcara*-pellado (segundo Mossi, que adverte a differença das pronuncias mais ou menos gutturaes). No AYMARÁ ha ainda *kara*—de uma só cõr, de cõr uniforme (o que póde ter o mesmo radical precedente), e *kara* pintas, manchas, *karakara* crista, que tem relação com o Kechua *ccaracha*—sarna, e varios outros compostos que se referem ao thema *ccara* couro, pelle, casca, etc., e que, cuido eu, tem derivados tambem no ABANEENOA. No Kechua ha ainda *ccara* dar de comer, que tem conexão com *cará* em ABANEENGA e que dá derivados em AYMARÁ e em ABANEENOA que ora reportam ao thema *ccara* dar de comer, ora ao thema *ccara* couro, do qual *ccaracha* e *caracha* sarna, com o qual se compara *carái* arranhar, coçar em Abaíeenga, e *ccaro* polilha em Aymarâ.

Os themas do Kechua e do AYMARÁ se desviam do *cara* chilleno que significa povo, porém em Kechua ha *ccari* varão, homem, connexo com *carái* homem distincto em ABANEENGA, notando-se que em AYMARÁ *kari* mentiroso, póde comparar-se com alguns outros themas do ABANEENOA.

É grande o numero de nomes de tribus que se reportam ao thema *cara* e ainda assim é possível que não se expliquem, nem sejam connexos com os que acima apresentamos e que dependam d'algum outro modificado como *ahā-rā* cabellos da cabeça etc.

Com tudo e apesar de tudo, creio que não ha fundamentó para se ir buscar a explicação desses nomes no Egyptio, no Grego, no Sanscrit, etc., como o fez o V. de Porto-Seguro, tão preocupado com os themas *cara*, *cari* que chega á almejar e á esperar o advento de uma sciencia nova, a *Caryologia*, destinada á elucidar talvez a prehistoria da America. (AMERICAINS, *Tupis*, *Caribes*, etc., pag. 77).

Quanto ao nome das Dioscoreas, admittido em ABAÑEENGA um radical *kar*, que tem correspondente em KECHUA, pôde ser explicado: 1° reportando á *ccara* casca, donde « fructo cascudo », havendo outros nomes em Abañeenga que admittem o mesmo thema; 2° *car-a* fructo de alimento, reportando á *ccara* dar de comer, e que no Abañeenga tem a fórma *carú*.

CARACUJU (pag. 36).

Uma ligeira mudança na pronunciação pôde fazer com que este nome não seja cousa diferente de *guaracajo* (*quod vide*). Si pretendessemos reportal-o á themas como *cara* e *cuju* são numerosissimas as interpretações que se podiam fazer reportando-nos ao CHILLI, ao KECHUA, e ao AYMARÁ. Em ABAÑEENGA temos *caracu* com dous significados: 1° vinho de raizes, batatas, mandioca, etc., 2° tutano de vacca; e *caracuyu* pôde ser « o que come tutano » ou « o que bebe vinho », etc. Ainda outras explicações se podem dar, porém *quid inde?* Não ha absolutamente nada que justifique a adopção de uma explicação, notando-se á final que tal nome não figura nas outras listas de tribus. Ainda observarei que si *cuju* é realmente um thema do composto (visto como ha outros com esta terminação) este *cuju* é susceptível de muitas interpretações nas tres linguas acima citadas.

CARAEMBÁ (pag. 36).

Devera e bastaria referir-me ao que disse no vocabulo precedente, e apenas lembrarei que este nome designa tam-

bem: 1° uma especie de dioscorea; 2°, que em geral diz « sarmento ou liana da dioscorea (cará) ».

CARAGUATÁ.

Por ser um nome generico de Bromelias, que aqui parece entrar como thema na denominação de uma tribu, e por não o termos incluído no T. VII dos *Annaes*, não será máu examina-lo. Cuido que não procede a explicação que dá von Martius: *caranhe—radens, oatá* ambulantes, porque no *Abañeenga* é quasi de regra geral nos compostos preceder o complemento ao verbo, notando-se ainda que *oatá=guata* é « andar » e que *ambulantes* devia ser *oatahar=guatahar*, e assim o composto seria *guatahá-cardi*. O nome parece-me ser *caá-raqua-áti* herba de ponta dura, folha de ponta aguda, que fere, etc.

CARAGUATAJARA, na nota Caraguatijara (pag. 36).

Cuido que nada adianta dizendo-se *caraguata-yara* senhor das bromelias, tal como se explica *ubira-yara* senhor dos páus, *ubá-yara* senhor das canoas (Martius).

Tenho mais propensão para interpretar *ygá-roguaid-hára* —navegantes *ygá roguata* « fazer andar canoas, indo n'ellas ». Nos T. VI e VII *Annaes*, notamos que o suffixo de participio *hára* em muitos casos, principalmente em tupi, se apresentava na forma *yara*.

CARAIBA (pag. 2) que neste livro corresponde á *santo* ou *santidade*.

Veja-se o que foi expendido no tomo VII dos *Annaes da Bibliotheca* á respeito das diversas significações deste vocabulo. Uma das que mais generalisaram os jesuitas é a de *santo*, donde *carai-bcbe* anjo, *carai-bac* christão, etc. Outra que persistiu na linguagem propria dos Indios é a de *carai* (ainda hoje usada pelos paraguayos) e *cariva* (nas margens do Amazonas e seus affluentes) exprimindo essencialmente SENHOR e secundariamente BRANCO, HOMEM BRANCO, EUROPEU. A significação que lhe é attribuida nesta obra torna este vocabulo synonymo de *payé* (sacerdote, medico, feiticeiro), e assim é tambem considerado no tesoro de Montoya. A explicação etymologica, a meu ver, não póde ser dada só pelo *Abaneenga* sem comparação com outras linguas ameri-

canas, tanto mais quanto é um dos vocabulos que vemos mais espalhado e em maior extenção de territorio, e que com mais ou menos alteração se encontra em varias linguas sul-americanas e ainda da America Central. Veja-se *cara*, e *cari*.

Com a significação de « antropophagos » corre mundo o nome de *caràiba* synonymo de *canibal*, mas esta significação, pelo que se vê, só se póde explicar por « sentido translato ». Quando, porém, se encare o nome por outra face, designando os destemidos senhores das Antilhas e navegantes do tempestuoso golpho do Mexico, apresenta-se uma explicação natural e accetavel por via do ABANEENOA, que nos dá *ygara-yb* chefes ou mestres das canôas (*yb* physicamente « mastro, poste, fuste, pé direito », e por translação « chefe, principal, caudilho, pião (pívol), mestre (por exemplo de musica nos choros), guia, piloto, etc.). Perfeitamente admissivel a queda do *y* inicial, e mudança da continua *g* em instantanea *h*, tem-se apenas mais difficuldade em explicar a mudança do *y* especial e característico em *i*, que na pronuncia paraguayá é bem patente em *carai*.

Von Martius (Ethnog, pag. 200) pretende explicar *cariba* por via de *cari* e *apyaba* contracto em *aba*; mas como? com o thema *cari* varão, e *apiabas* macho ou circumciso, ou que tem a glande descoberta? e como justificar a contracção de *apiabas* em *aba*?

CARAJA (pag. 36).

Vem no TESORO de Montoya, significando « mono » e composto de *carar* dextro, habil, esperto, e *ya* suffixo.

A especie designada por este nome em GUARANY, diz Martius, e com elle outros, que é a mesma designada por *guariba* em TUPI e *bugio* em muitas provincias. Não é facil explicar a concordancia dos dous nomes *caraja* e *guariba*. Como nome de tribu não apparece em S. de Vasconcellos nem n'outros escriptores antigos, e nem se pod dizer si foi transferido do simia para a tribu ou vice-versa; *carai* é tambem nome de outra especie de macaco, assim como ainda *cai*. Quanto aos indios, no texto os *Caraja*, diz-se, « vivem no sertão da parte pe S. Vicente; foram do norte, correndo para lá; tem outra lingua ». Isto se applica exactamente aos *Carijó* de S. Vascon-

cellos, de G. S. S. e outros antigos, e ainda mais aos *Carijó* descriptos na pag. 32, que « correm pela costa do mar e sertão até o Paraguay ». Assim á meu vêr *Carijó* e *Caraja* são nomes do mesmo povô, e este ainda cabe aos *Cãrijos* e *Carajás* de *Goyaz* e do *Araguaya*.

Cari parece ser thema de vocabulos do *Abañeenga*, mas não se acha directamente na lingua. Como no *Amazonas* a palavra *caraiã*, *carai* tomou a forma *cariva*, não se erraria em suppôr *cari* contracto de *carai*, e talvez deste feitio concorra na formação de vocabulos como *carijó*, *carióca*, *cariri* e outros assim como para nomes que apparecem em outras linguas como *caribi*, *galibi*, *carina*, *calina* etc. Veja-se *carayba* e compare-se com *ccari*—varão », e tambem «varonil» em *KECHUA*, notando-se que «homem» em geral nesta lingua é *runa* (*abá* na lingua geral). Analogia de significação não só se vê entre *carai* o homem branco, o europeu, o senhor, e *ccari* varão (em *KECHUA*), mas ainda com *caru*=*cari* verde, esbranquiçado (em *Chilli cari cahuellu* cavallo tordilho, e outros); e si parece não se dar essa analogia no *Aymarâ* (onde *kari* mentiroso), com tudo nesta ainda ha *kara* pellado limpo, liso, alvo, e *ccara* manhã. (alva do dia), que com pouca alteração se tornariam *cãri* ou *kãri*.

CARIJÓ (pag. 32).

Veja-se em *yoc* o que se expende ácerca de *Guarayo*, em parte applicavel á este nome, e compare-se tambem o precedente. Será bom igualmente vêr o expellido em *ce*.

Carijó nos autores é o nome do ramo tupi ou guarani que se achou nas provincias de S. Paulo e *Paraná* nos tempos da descoberta e nos immediatos.

O suffixo *yoc* do *kechua* é comparavel com *yoca*-filho em *Aymarâ* (vide *ce*) e por outro lado temos em *Abañeengã* o verbo *oc* ou *og* tirar, que talvez n'algum caso admittisse o prefixo pronominal *y* em vez de *t* e seus correspondentes.

Além pois de se poder assimilar *carijó* á *guarayo*, é ainda possível explica-lo por *cari-yoc* filho dos valentes (reportado ao *KECHUA*) ou filho dos falsários (reportado ao *Aymarâ*). Admittido em *Abañeenga* um thema *cari* (e talvez o mesmo *carai*) poderia ainda por ellé explicar-se *cãrijó* ou *cãri-yo* descendentes dos brancos ou dos anciões (V. P.

Seguro—Hist. geral T. I. pag. 101). Talvez afinal ainda assim se explique *carioc*.

CARIRI, na nota Cariu (pag. 34).

Si Purchas escreveu mais exactamente *cariu*, reporta ao Tupi do Amazonas *cariua* alterado do thema *cavaïba* do Abaíeenga.

Si é mais conforme o que vem no texto, *cariri*, como já notámos em outro lugar, pôde ser identificadô com *kiriri* taciturno, ou pacífico, e pôde também reportar-se aos themas *cari Õu caa*, sem podermos por enquanto nada fixar á esse respeito.

CATAGUA (pag. 37).

Não figuram nos autores nomes de tribus começadas com o thema *cata* senão por excepção, e referem-se sempre á Indios dos confins de Minas com Bahia e Espirito-Santo os nomes *catagua*, *cataxo*, etc. Pelo Abaíeenga este nome pôde explicar-se por *cad-età-i-guár* (pertencentes ao muito matto) moradores da grande matta, com queda da posposição *i*. Pode ser que *cataxo* seja variante de *catagua*, reportado ao suffixo *yoc*.

CURUPÊHE (pag. 35).

Tenho muitas duvidas sobre os nomes de tribus que tem por thema *curú*, *curi*, talvez ainda *kurú*, que podem ser demais adulterados de *caru*, *ccari*, *cara*; nem será de estranhar que á mesma fonte se reportem nomes do thema *guarú*. Nações Andinas ha cujos nomes encerram o thema *curu*, e do mesmo modo outras do Pará. Em Chilli-dugu *curiche* ou *curúche* designa « os negros » e em Kechua *coyrú* é adjectivo e exprime « branco ». Em Abaíeenga *curub* é substantivo « sarna » e « cascalho ». Nestes termos não é possível arriscar explicação para este vocabulo e para o seguinte.

CURUPIJA (pag. 36).

Reporto-me ao expendido no vocabulo precedente. Pelo Abaíeenga era possível, em vista do vocabulo que se segue á este, suppor-se um derivado com o suffixo *yar*, notando-se que é frequente em composição cair o *r* final (*pi* por *pir*, *ya* por *yár*) e então diríamos *curub-pir-yar* ou *curupija* com uma significação referente á *eurub* sarna. *Quid inde* porém? tornamos á dizer.

CURUPIRA (pag. 2).

Póde ser traduzido litteralmente por « sarnento » de *curiub* (sarna) e *pir* (pelle), tanto mais quanto « o tihoso » é synonymo de « o demo » na linguagem popular do Brazil e não me consta que tivesse este sentido em Portugal. Entretanto *Maregrav* nos diz que CURUPIRA *significat numen mentium*, e por mais tratos que demos á imaginação não lhe achamos saída etymologica para esta significação. Poderá ser admitida uma composição como *cú-ropir* ou *cú-robir* (a lingua desenvolver)? Neste caso porém *aquelle* ou *aquillo que desenvolve (desembaraça) a lingua* não se devia dizer *numen mentium*, porém sim *numen loquela*, ou ainda mais litteralmente *numen linguae*.

CUXARÉ (pag. 34).

Não deixa de ter analogia com outros nomes de nações diversas, por exemplo com *Cuxari*, *Cuzari*, *Cossari* do Amazonas etc. Pelo facto porém de se dizer no texto que estes indios « vivem no meio do sertão » somos levados á reportar este nome á *cú* longinquo, distante, e talvez ainda á *nhu* campo (não é raro que *nh* correspondente á *y* pronominal possa ser alterado em *h* e este em *c*) com um suffixo *har* (ás vezes correspondente á *guar*) no preterito *haré*. Deste modo *Cuxaré* significaria « os longinquos » ou os « campeiros. » Esta ultima designação porém não serviria para os homonymos do Pará.

CUYA (pag. 16).

No Tomo VII dos *Annaes da Bibl.* reporta-se o vocabulo *cúi* ao verbo *cur* (tragar) e em ultima analyse póde ir ter ao verbo *ú* (comer), e *cúi* (que admite os prefixos pronominaes *che*, *re*, *he*, *gue* etc.) exprime em geral « vaso da comida. » Dizendo-se, porém, que « lhe mettem (ao morto) uma *cuya* no rosto », este facto lembra o veroo *coacub* (esconder). em que o radical *cub* pode ter a significação generica de « apagar, supprimir », com tal ou qual connexão ainda de um lado com « cobrir, tapar » e d'outro lado com « engolir »; mesmo em portuguez se diz « engole as palavras, engole os cobres, engole os lucros do negocio. »

Em occasião oportuna estudaremos o vocabulo *cúi* vaso

(em geral) comparado em diversas linguas, e diverso do seguinte, que no entanto talvez se pudesse reportar ao mesmo radical que este.

CUYA OU CUNHA.

É um thema que se póde reportar á radicaes diversas, e que de mais á mais figura em muitos nomes de tribus. Em primeiro logar reportamo-nos aos *Annaes* T. VII. onde se vê *cunã* mulher (na lingua geral) reportando-se á *cói*-par, fazer par, e á *cú* alimentar, comparado com o *Kechua* *ccoya*-rainha, princeza, deusa das minas, *ccuyan*-amar, donde *ccuyak* amante, amiga, e com o chilli *coúin* parir, *cuye* velha, *cujan* ovo:

Não Aymarã também ha *coyã* mulher principal, rainha, porém, «mulher» em geral é *marmi*, como em *Kechua* *huarmi*.

Não servindo este thema para explicar nomes de tribus, mormente nomes já reduzidos ao thema simples (*Goya*, *Goyana*, etc), accodem outros talvez provenientes de radical diverso, ou do mesmo.

No Aymarã *koya* «pobre, desventurado» deve corresponder ao *Kechua* *ccuyana* «miserico, digno de compaixão», derivado do verbo *ccuya* amar, do qual se deriva também *ccuyak* amante (como vimos acima), e no Aymarã ha verbo «amar» construido sobre o mesmo thema *ccuya*.

Os dous substantivos *coyab* do *Abañeenga* (*Annaes* *Bibl.* T. VII) derivam-se dos dous verbos *cói*-fazer ruido, e *cói*-fazer par ou união, e unir, junctar. No *Tesoro* mesmo de *Montoya* está expresso que *coyab* (murmurio, ruido) ou *cói-hab* é o derivado de suffixo *hab*, e portanto é facil suppor o outro derivado em *hár* donde *cóihar* ou *coyar* os bártulhentos, os amotinadores, e *cóihar* ou *coíhar* os reunidos, os colligados. Estes nomes participiaes podiam designar tribus.

No Chilli temos *cóyagh* parlamento, assemblea, ajuntamento para fallar, donde o verbo *cóyagn* ainda *goygoín* fazer ruido, e outros.

No *Kechua* ha *ccaylla* s, canto, extremidade, e adv. perto, proximo, ao pé. Deste thema se derivam varios verbos, entre outros *ccayllaeu* e *cayllaycu* approximar-se, e tal thema é

possível que vá ter ao mesmo radical donde os vocabulos do CHILLIDUOA e do ABANEENOA.

No Aymarâ existem verbos sobre themas *koikoi*, *kosllu*, *ccollum* etc., exprimindo fazer ruido.

Cuyu e *ooyo* são themas que figuram na terminação de varios nomes de tribus indígenas do Brasil, e que vão ter á radicaes diversos no Chilli, no Kechua, no Aymarâ, mais ou menos aptos para designarem-se tribus, nações etc.

Como porém as tribus por esta fórma designadas não tem mór importancia, e o exame dos themas nos levaria longe, paramos aqui, lembrando unicamente que, quer por alteração phonetica, quer por erro de escripta, é possível apparecer *cuju* ou *cojo* por *caja* etc., e reportamo-nos ao que vai dicto em *cuya*. Tambem é bom notar que *cuchi* é um dos nomes dados aos *yuracarés* (os homens brancos, conforme Alcide d'Orbigny) do Perú. Além disso nas mesmas paginas dos « Indios do Brasil », onde se succedem os nomes de tribus com a terminação *cuju*, nota-se o nome *guajo*, que ainda pôde ser connexo com o thema *cujú*.

CE.

Voz do ABANEENOA que se refere á diversos radicaes tanto verbaes como demonstrativos, e susceptivel em alguns de se alterar em *che* e talvez em *ye*. Tem-se ainda de um lado *che* pronome da 1.^a pessoa e d'outro lado, já *acé* a pessoa, a personalidade (correspondendo á *on* francez, *man* germanico), já *ahé* o tai, o sujeito, fulano, e ainda *ye* o pronome reflexivo (*se* em portuguez, francez, etc). Com isto que se tem no ABANEENGA compare-se:

Em CHILLI-DUGU *che* gente, homem, pessoa, e que como sufixo entra em compostos como: *reche* pura gente, indio, chilileno; *huincache* hespanhol, europeu; *muruche* gente de longe, estrangeiro; *curiche* negra gente, ethiope; *hueche* nova gente, moço, rapaz, etc., e assim em grande numero de nomes de nações, como *Huiliche*, *Tehuelche*, etc. Talvez até se pudessem reportar a isto os nomes *guarayó* e *carijó* suppondo *yo* alterado de *che*, compondo-se com *huaran* gritar, *huera* mau, *cara* povo, etc.

Em Kechua ha o verbo *yuma* gerar, do qual entre outros derivados ha *yimay*, que pode exprimir « gerado,

filho, etc. », e empregado como suffixo podia servir para designar tribus, e que é connexo com *xum* renovo, broto, grelo em QUICHÉE.

Além disto ha ainda *yocu* cohabitar, ter copula, que por outro lado é connexo com *yoc* suffixo que vemos servir para a composição *guarayo* (vê *yo*), notando-se que em Aymarâ *yoca* significa « filho » e tambem é empregado (diz Bertonio) como epitheto injurioso com o significado de « membro viril ».

Afinal em *Quichée* achamos *chob* significando « tribu, parcialidade, partido, maloca ».

Aponto apenas isto para se vêr que é possível reportar á mesma fonte nomes na apparencia muito diversos, e aqui me refiro especialmente aos dous grandes ramos que Martius na sua *Ethnographia* distingue em *Ges* e *Cocos*. Como não está determinada lei alguma de variação phonetica para estas linguas americanas, não é possível estabelecer a derivação em cada caso, e assim estamos na contingencia de mais atuadas comparações.

Fazem do Caraiba uma lingua differente, que constitue um ramo aparte, e eu continuo a suppol-o uma mistura do Abaíenga com outras, principalmente o KETCHUA, de modo que a *unu*—agua em Kechua reporto o *tone*—agua em Caraiba (sendo o *t* um affixo), e á *ypará*—ilha em Abaíenga reporto o *oubaó*—ilha em Caraiba, posto que ainda não possa formular lei de variação phonetica.

Já na GRAMMAIRE CARAÏBE do P. Breton (reimpressa em 1877) vejo confirmar-se o que disse nos *Ensaíos* (1876): que o *r* dos Caraibas de terra firme era *l* dos das ilhas e que o *p* dos primeiros era o *b* dos segundos, donde *parana* dos de terra firme era o *balana* das Antilhas.

Cicu' (pag. 35)

Não figura este nome de tribu nos autores, e não ha indicação alguma que guie a interpretação.

Com tal ou qual semelhança ha o nome de *Choco* (Indios de Pernambuco e Alagoas) que lembra tambem o nome *chaco* ou *chacu* e talvez alguns mais compostos tendo por thema estas dicções, a que se podem reportar nomes como *ticuna* etc. Pode até haver erro de escripta e então lá se vai achar no Amazonas nome de tribu como *ciru*, tambem difficil de explicar.

EREIUBE (pag. 11)

É a formula de saudação, de que dão noticia grande numero dos primeiros narradores das cousas brasílicas. Lá vem ella logo no principio do Dialogo que deu Lery na sua HISTOIRE D'UN VOYAGE... EN LA TERRE DU BRESIL etc. Na orthographia de Lery está *Ere-ioubé? Pa-aiout* e correcta segundo a nossa pronunçiação temos *Ere-iú (ou jú) pé? Pa-aiut (ou jút)* «Vieste então? Sim, vim eu.»

FIGUEIRA (pag. 1).

É designada em geral em Abaíeenga por *ambayb*, necessariamente differente de *embayb* arvore de familia inteiramente differente (Cecropias), que evidentemente pode ser explicada por *emba-ôco yb* arvore (arvore de ôco). Em Tupí porem algumas figueiras são tambem designadas pela palavra *sapopemba* que nos reporta á *hapopema=hapopemba* (raiz alastrada). O nome *ambayb* dado ás figueiras até hoje me pareceu difficil de explicar-se, mas á vista do que diz a lenda. é possível que aos espiritos imaginativos agrade a interpretação de *anybab-yb* (arvore das almas extinctas), porque em Abaíeenga nada tem de extraordinaria a queda do *g* e a transformação subsequente das nazo-labiacs *np* em *mb*.

GUACARAJA (pag. 35)

Não figura nos autores este nome de tribu, si bem haja muitos que, dadas algumas trocas de letras, se lhe assemelhem. *Guacara* pode ter affinidade com *Guacari*, indios do ramo tupí do Amazonas e Rio Negro, com *Sacard* (*s* por *h* que como pronome no absoluto se muda em *t* no reciproco em *gu*), nome dado aos *Guarulhos*, indios do Rio de Janeiro.

Si este nome *Guacarajára* é do Abaíeenga, não offerece uma interpretação facil (Compare-se *camaragua* e *camuçujara*). Talvez se podesse achar neste nome o thema *caraja*, mas como fica feito o composto? Si quizessemos reporta-lo á *tacara* andar aos saltos, que no participio daria *tacarajara*, não se poderia explicar a queda do *t* pertencente ao radical verbal. Iguaes difficuldades para reporta-lo ao thema *taca* ou ainda *aca*, donde *acard*, etc.

GUAJACATU' E GUAYATUN (pag. 35).

São nomes que não figuram nos autores e que nos

limitamos á reportar, por emquanto, á *guaya*, aparentando-os com *guayana*. Admittido que *guaya* ou *coya* exprime « os colligados », os designativos ou qualificativos poderão explicar-se por *catu* adv. e adj. bem, bom, e *tun* molle, ou *tun* preto, notando-se que estes ultimos deveriam perder em composição o *t*.

GUAIMURÉ (pags. 32, 36, etc.)

Veja-se o expendido em *Ara* e note-se a semelhança de *Aimuré* ou *Aymoré* com *Aymará*, reflectindo-se ainda que assim como os *Kechuas* denominaram *Aymaras* os povos anteriores á elles no territorio, tambem os *Tupis* ou *Guaranis* em certas localidades generalisavam a denominação. *Aymuré* á nação de lingua e habitos diferentes.

O V. de Porto Seguro (Hist. geral Bras. secção VIII) diz que *Aymara* significa « sacco ou camisola ». Não acho tal cousa nem no *KECHUA* nem no *HAQUE-ARO*. Causa que se pareça vejo *aymúra* sacco cheio, nesta ultima lingua, e verbo « armazenar (talvez tambem ensacçar) » em *Kechua*.

Em *ABANEENGA* acha-se *aib-poré* habitador de brenhas (usado em Tupi) e ainda *ai-boré*, fazedor de mal, malfeitor, podendo ambos receber o demonstrativo *co* prefixo, donde *koaiporé* ou *koaihoré* ou *koaimoré* ou *guaimuré*. Confronte-se ainda *Caburé* (nome de uma coruja) no T. VII Annaes, de *caa-poré* morador das mattas.

GUAJERE (pag. 37).

Não só é nome que não apparece nas listas de tribus, como ainda tem indicios de ser muito alterado talvez com troca e erro das syllabas. Do substantivo *tab pello* e do verbo *hereb* lamber vem o verbo *abereb*—chamuscado, e como este se concebe o verbo separado *ab-hereb* que póde receber os prefixos *t*, *r*, *h*, *gu* e assim ter-se-hia *guab-hereb* « os de pello chamuscado », mas não é muito admissivel a mudança da pronominal *h* em *j* ou *y*.

GUAJÓ (pag. 35).

Não se achia tal nome no Roteiro do Brazil e outros citados nestas notas. Póde ser nome muito adulterado e não cabe aqui discutir outros que se lhe assemelham, como *guachis*, *guató*, *huachis*, etc. Si se pudesse admittir que no

Abañeenga se fizessem compostes com o suffixo Kechua *yoc* os etymologistas poderiam satisfazer-se com *gua* coroa, e o suffixo *yoc* coroados. Porém em vista do exposto na palavra *yoc*, é natural, explicar-se como vocabulo Kechua *huac-yoc* « de outro lugar de outra banda, estrangeiro », restando ainda a duvida si é admissivel a queda do *c* não só em *yoc*, mas ainda em *huac*.

Si for adulteração de *guaya* talvez com elle venha a ter connexão, *guayand* e por outro lado póde ir ter á *goyd*, *coyd*, etc. Talvez até se possa reportar á mesma fonte que *cuyú* (quod vide).

GUARACAI0 (pag. 31).

Este nome não apparece nem em S. de Vasconcellos, nem em G. Soares, nem na Ethnographia de Martius. Reportal-o á *Guarayo* não é possivel por causa da syllaba *ca* intercalada, que não tem explicação. (Vê *yoc* e *ni*). Como porém, *guarai0* se explica razoavelmente pelo Kechua, nessa mesma lingua achamos *huaraca*—funda, e tambem verbo « atirar com funda » e com o suffixo *yoc* tem-se naturalmente *huaracayoc*—fundibulario. A ser assim parece que esses inimigos dos *Tupinaquins* (como diz o texto) dando-se esse nome, por ahi mostravam ser originarios ou desgarrados do Perú.

Veja-se *Itati*, outro nome da mesma tribu.

GUARANAGUAÇU, na nota Guaianaguaçu (pag. 34).

Na sua Ethnographia Martius falla de uma tribu do Amazonas (do Purús) que em côr, posição, condição, etc., seria diametralmente opposta á de que reza este livro. Em outro qualquer logar não acho menção de tribu cujo nome contenha o thema *guarand*, que tambem é o nome da *Paullinia sorbilis* Mart e do producto tirado do fructo della, conhecido por esse nome.

Não me parece que por ahi se possa dar com o significado do nome de tribu. Como no texto se diz que esta gente vivia em covas, incita á ver-se nesse vocabulo: *cuara* cova, *ñenô* deitar-se (interpondo-se a proposição *i*) e o resto *ocô* que gostam, ou *ohu* que procuram, usam, etc. O que nos diz, porém, que assim seja?

GUAYANÁ (pag. 34).

Em nota da pag. 100 do T. I da Hist. G. do Brazil (de 1854) o Visconde de Porto Seguro explica este nome inventando os themes e significados:

Guaya gente, na estimado, *guayaná* nós outros os estimados; ou *guaya* e *aná* gente.

Taes dicções com taes significações não existem em Abaíenga, e quasi posso dizer nas principaes senão em todas as linguas da Sul-America.

O thema na fórma *guay*, ou *guaya* parece-me que não conduz a resultado, por ir ter á radicaes que não offerecem significação adequada. Veja-se no T. VII dos ANN. DA BIBL. NAC. o que se diz no vocabulo *cunhã*; o composto *cunha anã*=*cuyaanã* (parente da mulher, ou parentes das mulheres) não parece improprio para designar tribus alliadas, vizinhas, ou aparentadas. Deve-se porém notar ainda que apparece como nome de tribu simplesmente *Goya*, e isto reporta mais naturalmente á *coi* (ou *cõi*) radical de *mocõi* (dous, o que faz par ou parelha). Ao radical *coi* (irmanar-se, unir-se, emparelhar-se, etc.) reporta-se um participio *coidã* (vê T. VI Ann. da Bibl. Nac.) ou *coya* (unidos, ligados, alliados). O resto póde ser *nã* (misturado) ou ainda e melhor *aná* (parente), donde *coya-anã*=*coyanã* « os parenfes dos alliados e até « os alliados parentes ». Vê tambem *cuya*.

GUAYTACÁ (pag. 37).

O Visconde de Porto Seguro explica este nome: *Guata* —*ca* corredores, até certo ponto procedentemente, pois do verbo *guata*, andar, se deriva *guatahar* o que anda, andejo, e si bem que não seja usual a mudança do *h* em *c* e sim em *ç* ou *s*, comtudo é admissivel e satisfaz ao que se diz no texto e narram os chronistas. Martius cita em falso o Visconde de Porto Seguro (Ethnog. pag. 302 nota) e talvez tambem Alcide d'Orbigny, quando lhes attribue a explicação de *Goyataca* por *goatã* (*wandern*) e *caã* (*wald*), mas com razão diz: « aber die festgestellte Thatsache, dass sie (die Goiatacá) « immer den Aufenthalt in offenen Gegenden nahmen, wi- « derspricht dieser Erklarung. »

E não é só por isso: a explicar-se *Guaitacá* por *guatã* e *caã* ter-se-hia *guatã-caã* matto de andar (que nada significa).

O facto de serem os Goitacá de nacionalidade diversa das do tronco Tupi, a qual Martius filia aos Guayana e ethnographicamente considera aparentada com os que elle denomlnou *Ge* e *Guck* (a designação generica dos estranhos ou Inimigos na lingua geral era *tapyi*) devia, ou pelo menos podia influir no nome que lhes fosse dado em Abaíenga, e pelo que precede não se vê isso.

Pelo contrario, reportando-se os *Guaytacá* aos *Guayaná* (os alltados, embora de raça diversa), pela lingua geral se poderia explicar até certo ponto *coya-eld-cab* (ou *acdb*), mas muito forçadamente (Veja-se *auca* e *cua*).

Com a significação de «corredores» que lhe dá o Visconde de Porto Seguro daria mais litteralmente o Abaíenga *aquân-atahár* (ligeiro marchador), onde a mudança do *h* em *c* é justificavel.

IGNIGIANEPĀ (pag. 37).

Eis aqui um nome evidentemente do Abaíenga, mas que pôde ter as mais diversas interpretações, conforme os themas a que nos reportarmos. O *y* guttural a cada passo nos « Indios do Brasil » se escreve *ig*, e demais ha trocas e quedas, de letras facéis de se reconhecerem nos vocabulos; varios themas como *yby* (terra), *ybyrd* (*ybyá* com queda do *r*) madeira pau, *ybyá*-barranco, *ybyi* o oco, o vazio, a barriga etc.. sem ainda contar as variantes do segundo thema componente, nos levariam longe. Limitando-nos porém á uma significação que coincide com o que se diz no texto, podemos traduzir *ybyrdnupā* (com queda do *r*) os *bute-pau*, ou os *joga-pau*. Temos supposto queda do *r*, mas comparado com o vocabulo seguinte parece que *i* é erro em vez de *r* e que o nome seria *Igbigranupā*.

IGNIGRA-APUJÁRA (pag. 34).

Em vista do que vem no texto temos aqui litteralmente e muito em regra no ABANEENGA *ybyra-apihara* (ou *apigara*) os jogadores ou atiradores de páu. Compare-se com o precedente, notando-se que são possíveis tambem com este nome outras interpretações conforme os themas.

INGAPENAMBIN (pag. 24).

No Tomo VII dos Annaes da Biblioth. explica-se *Tapé* por massa ou clava de guerra, *yb=y* (páu), *a₁* (cabeça), *pe*

(chata); ajuntando-se-lhe *nambi* (orelhas, borlas), ahí temos o vocabulo de que se tracta. Não tem contudo explicação plausivel a articulação nazal *ng* substituindo *b*, nem o *n* no fim de *nambi*. A acha ou clava dos indios tambem nos autores se menciona por *tangapema*, *atangapema*, *tangapé*, *tacapé* e até *ybyrapema*. Este ultimo dá *ybyra* (páu), *pema* chato; *tacapé* ou *tacapé* pode-se suppor *t-aca-pé*, onde *t* é o demonstrativo pronominal generico *aca* em Tupi, *agua* em Guarani ponta, *pé* truncada, ou *pé* chata. *Atangapema* ou *tangapema* são fórmãs difficeis de se explicar. Em Hans Stáde, si me não engano, vem *Iwerapeme* e *liwerapeme* o que nos leva a *ybyrapema*.

ITATI (pag. 31)

E' nome que não vem nos autores citados em *Guaracaió* etc. Como porem no texto vem ambos estes nomes para o mesmo povo e reportamos *guaracayoc* ao Kechua, parece que com a mesma significação tem-se em Abaíeenga *Itaitig* atirar pedras, tomado como substantivo «o atira-pedras».

JACURUJU' (pag. 35)

Como o nome que segue, este não figura no rol de tribus dos autores. Pelo Abaíeenga não se acha immediatamente uma explicação plausivel, e o mais é *bater a campanha* em conjecturas vagas. Alem pois de reportarmo-nos ao nome que segue, seja apenas ponderado que tendo alguma connexão com o thema *Jacu*, apparece nos sertões de S. Francisco e confins de Matto-Grosso o nome de tribu *Jeico*, ou *Jaicó* que tambem não é facil de explicar-se. Não será máu tambem notar-se que *ju* pode ser um suffixo, comparavel de um lado com *Yo* ou *Yok* (quod vide) e d'outro lado com *ge* ou *Ye* (Vide *ce* e *che*).

JAICUJU' (pag. 35)

Pelas mesmas razões expendidas no nome precedente não é possivel arriscar uma explicação deste nome, que tambem não figura nas listas dos autores. Veja-se *cuyú*. Quanto ao mais é de notar-se que *Ya-icó-nó* (nos estamos quietos) é phrase mui regular do Abaíeenga e que por mera variação phonetica pode tornar-se *Ya-icú-yu* ou como se pronunciaria algures no Amazonas *ia-icu-nú*. Uma phrase poderia designar tribu por esta forma?

JAMPABA (pag. 1)

Admittindo-se que haja erro orthographico ou de copia é possível suppôr-se que esteja esta dicção por *Janipaba*, o que nos reporta á *Yandypab*=*nandypab* (nome legitimo do *Genipa brasiliensis* Mart., em cuja formação parece entrar *nandy*=*Yandy* (azeite), por ser o caldo deste fructo applicado pelos indios nas pinturas e fricções do corpo. A' ser porem verdadeira a tradição, de que reza esta historia dos INDIOS DO BRAZIL, somos levados á uma outra explicação do vocabulo: *nande* ou *Yandé-upaba* (nossolugar, nosso pousio, nosso pouso, ou com mais generalidade *nosso lugar e modo de estarmos*). Será admissivel esta derivação para o vocabulo com que designavam a arvore do *jenipapo*, que era de primeira importancia nos usos dos indios de todo o Brasil?

JEQUERICARÉ (pag. 37).

Este nome do logar por onde andavam os indios *Catagua*, coincide com Juquiriqueré, nome de uma enseada e rio ao norte de S. Sebastião e de outros logares. *Juquiri* é nome de muita applicação topographica, que comtudo não pôde ser aqui examinado, porque nos levaria longe.

MACACHERA (pag. 2), que Marcgrav difine « numem viarum, viatores praecedens ». A unica maneira de tornar intelligivel esta significação é admittindo-se uma forte agglutinação dos elementos componentes do vocabulo, tão forte que chega a fazer cair syllabas inteiras, o que, aliás, tambem é frequente não só no Abaíeenga, mas ainda em outras línguas americanas. Admittido isto porém, ainda fica em pé a duvida sobre qual o radical agglutinado e desaparecido do composto. Com effeito com significações litteraes muito precisas e muito naturaes temos *mo-cancó-ser* (o que gosta de cançar a gente), *mo-cangy-ser* (o que gosta de enfraquecer a gente), *mo-canhy-ser* (o que gosta de fazer a gente perder-se, ou andar erradia). Nos dous ultimos principalmente, onde entra o *i* guttural, porém brevisimo, é possível o desaparecimento *ngi* ou *ni* com modificação da articulação immediata formando-se *mo-ca-cher*.

MACATU, na nota Macutu (pag. 34).

Mais um nome que serve para mostrar quanto é vão e inutil estar á cata de explicações, quando não ha cousa

alguma á respeito da tribu por esse nome designada. Em Abañeenga se apresentam tantas explicações, que é o mesmo que se não apresentasse nenhuma. Basta ver que *ma*, pode estar por *mbya* (coração ou gente), por *mbo* (mão), e por outros themas. Por *mbya-catu* se exprime « bom coração » e « paco » por *mbo-catu* boa mão, homem feliz, etc. Veja-se ainda que *catu* pode-se decompôr, e que tambem pôde ser *cutu* (como em Purchas) e ahí temos um mundo de significados. Si por *cutu* pode isto levar-nos á *coto*, thema de varios nomes (como *cumanacoto*), elle não é explicavel pelo Abañeenga e sim por outras linguas. Tem alguma analogia tambem este nome com o dos *Macusi* ou *Macuxi* do Rio Branco, que usavam de frechas ervadas, e isto levaria á outras interpretações. E assim por diantê.

MAINUMĀ (pag. 36).

Cabem as mesmas considerações apresentadas no nome precedente e lembro o thema *mayna*, além de outros. Com tudo, como este nome é dado a inimigos declarados (que se entendiam com os *Guaimures*), suggere em Abañeenga *Mbaï-amã* (roda, circulo, tropa, troça de malvados) com a intercalação de um *n* ou *ñ* euphonico.

MARACÁGUAÇU (pag. 35).

Militando as mesmas razões dadas nos dois nomes precedentes, escusa buscar vagas interpretações; e limitemo-nos á ponderar que litteralmente *mbaracá-guaçú* significa-o maracá (instrumento de guerra) grande. Póde este nome puro e simples designar uma tribu? Quanto ao nome *mbaracá* veja-se Annaes da Bibl. T. VII.

MARIBUIO (pag. 37).

Não havendo nada que nos sirva de indicação para buscar a explicação deste nome, que demaís não figura nas listas dos autores, limitemo-nos á reporta-lo á *pyrybi* com o suffixo *yo* talvez irregularmente, mas considerando que *yo*, á custa de tanto apparecer em diversos compostos (*Carijó* etc.), pode-se tomar por um suffixo tambem no Abañeenga. Comtudo attenta a significação do suffixo *yo*, seria melhor reporta-lo ao Kechua, onde se lhe pôde dar melhor interpretação.

MENDONI (pag. 29).

Ou mais geral *manduby*, que, como vem no tomo VII dos Ann. da Bibl., se explica por *yba-tyby* (fructo enterrado ou sepultado), bem applicavel ao *Arachis hypogaea* L. O demonstrativo pronominal *t* de *tyby* por estar intercalado não é estranho que se mude em *nd*, a mudança de *y* ora em *u* ora em *i* é natural e frequente, e a queda da inicial *y* muito usual.

METARAS. (pags. 13 e 17).

Aliás *tombeta* em Abaíeenga, contracto de *tembé-ita* literalmente « pedra do beijo ». A queda do prefixo demonstrativo *te* não é cousa estranha, antes frequente, como se vê em *cuia*, em geral *tecuia*, *mbiu* em geral *tmbiu* etc. A addicção em Tupi da articulação final *r*, ou antes da syllaba *ra* serve de confirmar a derivação que demos de *ita* (pedra), reportando-se esto substantivo á *itã* (duro), notando-se que a nasal *n* por vezes alterna com *r*.

MOÇACARA (pag. 29).

Derivado do verbo *mboçacar*, pareceu-nos (Tomo VII. A. Bibliotheca) poder suppôr este vocabulo com a significação de adjectivo. Mas houve equívoco, por causa da pressa com que foi escripto aquelle vocabulario. Sendo verbo transitivo, *che mboçacar* significa literalmente « aquelle que me preza, estima, acata » e dahi por ampliação « o meu amigo, o meu camarada ». justamente no sentido em que diz Lery *moussacat*. A mudança do final em *t* é apontada expressamente por Anchieta e por Figueira como usual entre os Tupis do sul, si bem que Montoya não dê disso noticia no Guarani. Aparentado com este vocabulo quanto á significação, acha-se ainda o termo *yecotyahi* (o companheiro, o camarada, o matalote), e reconsiderando os costumes dos indios pareceu-me poder dar outra interpretação á *mboçacar*. Com effeito temos *mbiu-ecar* (buscar comida), verbo composto, no qual interpondo o demonstrativo pronominal temos *mbiu-hecar* (aquelle que busca comida), e ainda melhor *che-mbiu-hecar* (aquelle que busca a minha comida, ou comida para mim) designando « o meu famulo, o meu domestico, o meu busca-caça, busca-fructas, busca-viveres ».

MURIAPIGTANGA (pags. 31 e 36).

Como já vimos em *Apigapigtanga*, este é outro nome evidentemente do Abañeenga. Procurando alguma significação racional pela composição dos *themas* pode-se suppôr que seja contracto de *mbya-reyi-apytã* magotes de multidão de gentes, cabildas de muitas gentes. Como se vê nos T. VI e VII dos Annaes da Bibliotheca, o *y* do Abañeenga é muito breve e contrae-se facilmente caído já em *i* já em *u*; portanto *mbya-reyi* podia tornar-se *muri* (de gente multidão), e *apytã* quer dizer « feixe » em geral, e ainda « grupo, porção ». Emfim *Myryi-apytã* malocas de muitas gentes.

Este nome de tribu não vem nos autores, e convem reportarmo-nos ao que foi dicto em *Puri* e em *Apigapigtanga*. Deste modo pode suppôr-se alterado de *Puri-apytã* cabilda de miseraveis.

E' opportuno notar ainda que, indo-se pela significação que se attribue á *poro*, *moro* (*gente*, dizem) seria possível dar outra interpretação á este nome. Mas, como se vê nos T. VI e VII dos Annaes, *poro* ou *moro* são prefixos verbaes que não tem tal significação de « gente ». Veja-se o vocabulo que segue, de construcção inteiramente diversa, que no entanto pareceria poder ser feito sobre o mesmo *thema* que *muriapytã*.

MORUBIXABA (pag. 29).

Reportamo-nos ao que vem no Tomo VII dos Ann. da Bibl. nos vocabulos *mborubichab* (chefe), *tubichab* (grande), e principalmente *ubichab* (sem o *t* demonstrativo), onde se pôde vêr qual a derivação attribuível á esta dicção.

Este vocabulo *mborubichab* é o com que no Abañeenga se traduz « chefe, commandante, principe, rei »; aos reis de Portugal e de Hespanha chamavam *mborubicha-guaçu*, *mborubichaguaçu* etc. Quanto ao mais, *tubichab* como adjectivo exprime « grande » no sentido mais lato da palavra, quer em relação ao *tamanho* physico, quer em relação á *grandesa* moral. Nas margens do Amazonas *tuwichã* tem a mesma amplitude de significação.

NACAI e na nota NACU (pag. 33).

Deve dispensar-nos de qualquer tentativa de explicação.

o simples facto de duvida no verdadeiro modo de dizer este nome, tanto mais quanto não figura na lista de nomes de tribus dos autores.

NAPARA (pag. 34).

Nem é nome que figure nas nomenclaturas de tribus, nem é de facil explicação pelo *Abañeenga*.

NHANDEJA, na nota Mandeu — (pag. 34).

A differença de escripta do texto com o que vem em Purchas, mostra a difficuldade de qualquer interpretação. Apenas nota-se que a primeira fórma se presta a duas phrases em Abañeenga, pois ahí se diria *Nandé-yab ahé* são nossos iguaes aquelles ou os taes, ou ainda *Nando-yára ahé* são nossos senhores aquelles. Mas uma phrase para denominar tribu?

Ni.

Como é syllaba terminal de muitos nomes de tribus, pareceu-me opportuno apresentar algumas observações á seu respeito.

No Dicc. do Kechua do sr. frei Honorio Mossi vem declarado que o suffixo *ni* é da lingua dos *Aymaras* e corresponde ao *Yoc* do Kechua.

No Voc. do P. L. Bertonio acha-se «*Ni* pospuesto a los nombres significa tener lo que el nombre dize, *Collqueni*, *Cavalioni*, *auquini* etc uno que tiene plata, cavallo, padre etc.: Algumas vezes significa «ser estimado, o valer per lo que tiene»: *ah anoni*—de buen rostro, *ísini* de buen vestido, *amparani*, *aroni* que tiene buenas manos o lengua, refiir etc.» De conformidade com isto mesmo em portuguez se concebem adjectivos, designativos, em geral epithetos formados por um substantivo e a preposição *de*; assim homem ou perna *de pau*, homem *de olho vivo*, homem *de calças* ou *perni-vestido*, *collqueni* (*Aymará*) homem *de dinheiro* ou *dinheiroso* ou rico etc.

Em Chillidugu existe tambem a particula *ni*, a qual se emprega já pospositivamente como no Abañeenga, já como preposição á nossa moda, exprimindo a mesma relação generica que *de* portuguez.

No Abañeenga existe a posposição *i*, susceptivel de se tornar *ni* ou *ni* intercalando um *n* euphonico. e esta pos

posição nas suas diversas formas é homonyma com o verbo radical *i* «ser ou estar» (em geral), incluindo ainda o sentido de «ter». A significação da posposição *i* é «em», mas ainda assim notemos que mesmo em portuguez a preposição «em» pode exercer funcções equivalentes a «de», como: *em chinelas* ou *de chinelas* ella estava sentada etc.

NONHÁ (pag. 38)

Nem é nome de tribu que figure nos autores, nem é facil de explicar-se de qualquer modo. Dizendo o texto que os indios assim designados tinham «rostos muito grandes», acode-nos a dicção *toba ñá* ou *tobaya* cara aberta, cara larga, e si tal era a denominação, quanto se alterou para se tornar *noñá* e quanto é vã e futil a tentativa de explicar nomes por tal forma estropiados!

NUHINU' (pag. 34)

Tambem é nome de tribu que não figura nos autores, Pelo facto de se designarem por este nome «indios do campo» surge o pensamento de se referir a derivação á *ñú* campo, mas persistindo a duvida para a explicação do composto. E' preciso forçar tudo para se suppôr que *hi* seja uma posposição, e *ni* um suffixo correspondente á *yu* ou *yo*.

OBACOATIA'RA (pag. 34)

Quer dizer litteralmente em Abañeenga «cara pintada» (no absoluto *tobá-quatiára*). Do que se diz no texto nada induz á se buscar uma significação como esta, que no entanto é litteral; pelo contrario, parece que se devera buscar cousa que significasse «mergulhador» ou «ilheo» ou ainda «morador em cova». Nada disso no nome *obacoatiára*. Quando muito se podia suppôr *ybaú-i-teguara* em ilhas moradores, mas dando-se metaplasmas e contracções injustificaveis.

Ocas (pag. 6)

O verbo *og* (cobrir, tapar etc) faz no supino *oca* (para tapar), no infinitivo *oga*, e nessas duas formas serve de substantivo (casa). E' dos vocabulos que recebem o demonstrativo geral *t*, que com os possessivos se muda em *r*, *h*, *gu*, e tem-se *che-r-oca* (o que me cobre, a minha casa) e em geral *toca* (o que cobre ou tapa). Este vocabulo passou á linguagem vulgar brazileira com

grande ampliação de significação; *toca* é synonymo de *furna*, *caverna*, *buraco*, *escondrijo*, *morada*.

Em Aymará *toca* fojo. cova, buraco, furna; em Kechua o adjectivo *lucu* fundo, é também substantivo «fundura» e o adverbio «dentro» e *luqui* rincão, angulo, canto. Em Chillí *rúca* casa, rancho.

OQUIGTAJUBA (pag. 33)

Okyta significa «esteio da casa, pau á prumo, etc.»; *juba* tem muitos significados e entre outros é adjectivo «amarello».

Isto não quer dizer nada. Si o que vem no texto, logo em seguida referindo-se aos *Pahi*, fosse dicto em relação aos *Oquigtajuba*, podia isto suggerir algum composto de *aób* roupa, *dtã* rija, *udã* forrar, mas permanecendo ainda a difficuldade de compor a phrase regularmente. Demais, é nome de tribu, que não vem nos autores.

PAHAJU (pag. 35).

Não vem nos autores, mas assemelha-se á outros que nelles vem. Na falta de indicações que guiem a interpretação, fica inteiramente no ar. Pelo suffixo *ju* pôde ser comparado á outros que vem no texto, como *Jaicuju*, *Jocuruju*, *Piracuju*, *Tapunju*, e ainda com outros que terminam em *jo*. como *Tupijo*, *Guaajo*, etc. Por outro lado lembra o nome dos *Pacajá* das boccas do Amazonas, etc., etc.

PAHI (pag. 33).

Não figura nos autores assim simplesmente como nome de tribu, mas em nomes mais compostos, como *Payagua*, *Paiconeca*, *Payana*, *Paipocoa*, etc. *Pahi*, si for por *P'ay* ou antes *Paĩ*, significa propriamente «pai» e foi applicado especialmente aos padres (Vede a nota seguinte), e differe de *Paye*. Tem alguma analogia com *Faya* adj. velho, velha em Kechua, e applicado a significar «avó», notando-se ainda que ha o pronome *pay* elle, ella. No Aymará não ha correspondente com este thema e *pay* (deserto) é cousa diversa. No Chillí porém ha d'um lado *paye* applicado aos padres » e de outro *chay*—pai, significando *papay*, e ainda *pay* a «mãe» em geral e a «matrona». Como thema de outros significados vai ter á radicacs diversos.

PAI (pag. 32).

No Tomo VII dos Annaes da Bibliotheca expendemos a duvida si a dicção é genuina do Abañeenga, ou si vinha do hespanhol ou do portuguez. Lá tambem vem a explicação de Montoya que diz: *Pay* palavra de respeito com que fallavam aos seus *velhos*, e *feiticeiros* e *pessoas graves*. Nas Reducções usavam da expressão *Pay-abaré* para designar « o vigário » do aldeamento, e dahi ainda outros compostos, como *Pay-guaçu* bispo, etc. Reporto-me ao mais que vem no vocabulario citado, inclusive as referencias ao *kechua* e *chilli*, para aqui apresentar mais uma consideração.

O vocabulo *payé* ou *payé* ou *pajé*, que tambem significa « sacerdote », inclue os sentidos de « oraculo, feiticeiro, medico, mezinheiro » e repare-se que os catechistas nobilitaram a expressão *pai* á ponto de applicarem aos padres, bispos, etc., e rebaixaram *payé* á designar exclusivamente « o feiticeiro ». Lembra *diabolus*, que remontando á fonte etymologica vai fer ao mesmo radical de *zeus*, *jupiter*, *jovis*, etc.

Por outro lado, ha tambem *m̄baĩ* adj., máu, ruim, etc.

PANACUJU na nota PARACUJU (pag. 35).

Além de ser nome que não figura nos autores, não se sabe qual á verdadeira pronuncia, nem ha nada que indique a significação. Pelo thema terminal é connexo com outros que vem no texto e reportamo-nos á *Cuyu*. O thema *pana* póde explicar-se de diversos modos pelo Abañeenga, mas como thema de nome de tribu parece antes ir ter ao *Kechua*, onde *pana* significa « irmão, irmã ». No *Javary*, fronteiras do Perú, menciona-se tribu com o nome de *Panos*, e talvez ao mesmo radical se reporte o nome dos *Manaos* e ainda outros.

PANAQUIRI (pag. 38).

Não vindo nos autores nome semelhante, nem havendo indicações que guiem a interpretação, referimo-nos simplesmente ao que se diz no vocabulo precedente, em relação ao thema *Pana* e á *Quirig*.

PANICU' ou mais correctamente *panacú* (cesto). Reportamo-nos ao que foi dicto no Tomo VII dos Annaes, porém modificando em relação ao radical *pai*. Com effeito *panacú*

com os possessivos faz *che-re-panacú* (meu cesto), *ndere-panacú* (teu cesto) etc.; por conseguinte pôde ser explicado por *che-ropdinacú* (meu vaso de entrançado, de rede, do que é feito em trança).

PARAHÍO (pag. 33) ou Larabi na nota. Quem é lá que pôde sem mais indicação buscar a significação do vocabulo? O thema *para* só por si pôde ir ter aos mais diversos radicaes, quanto mais ainda *lara* (não existente no Abaíeenga) e ainda o restante do composto. Unicamente por se dizer no texto « muita gente » occorre-nos o thema *paráb* vario, variegado.

PARAPOTO (pag. 36).

Reporto-me simplesmente ao que disse no vocabulo precedente; tambem é nome que não figura nos autores.

PETIGMA (pag. 11).

Muito frequentemente o *y* guttural é expresso pelos portuguezes (inclusive Anchieta) por *ig*, em vez de o ser por *y*, como posteriormente se tornou mais usado (até em Guarani). *Pety* ou *petym* ou *petyma* e tambem *petum*, é nome indigena da Nicotiana (tabaco) e o verbo brasiliense *pitar* vem evidentemente de *pety-ar* (tomar ou elupar o *petym*). A palavra *pito*, exprimindo « cachimbo », evidentemente vem do verbo *pitar* por um processo de derivação intelramente á portugueza, tal e qual « cambio » de « cambiar », « mando » de « mandar », « castigo » de « castigar » etc. E' de notar-se que no Chillidugu ha *púthem* tabaco, *púthemn* pitar, fumar (tomar o tabaco) e *púthen* quemar-se. O *ú* do Chillidugu creio que é exactamente o *y* do Abaíeenga.

PIORU (pag. 34).

Aqui temos um nome susceptivel de tantas explicações que por isso mesmo não pôde ficar explicado. Como *ig* neste livro corresponde ao *y* do Abaíeenga, ahi temos desde logo *pyrú*, dous verbos significando um « mudar, substituir », outro « pisar », podendo este tomar a fórma *pyrú*, que tambem significa « começar » (em vez de *ypyrú*). Si fosse *piru* teriamos adjectivo « secco » e *pirú*, « couro negro » etc. etc. Suppondo-se alterado de *poru* temos outro verbo « usar, exercer » e ainda outro em absoluto, donde *aba-poru* come-

dor de gente, anthropophago, do qual é possível derivar-se *mburu* ou *niború* malvado, perverso, maldito, e ainda o nome *Puru*, applicado á tribu e á rio no Amazonas. Ainda ha no Abañeenga outros vocabulos com o qual tem analogia este, mas apenas notaremos que ainda seria possível que *Pigru* se reportasse á mesma fonte que *Puri* (quod vide).

No Kechua, no Aymarâ ha vocabulos analogos, mas apenas observamos que *Peru* é o nome actual da região onde existiam os Kechuas. Ainda notaremos que no Chillidugu *pire* significa «neve e a cordilheira», *pireu* nevar, *piru* gusano, carcoma, e *pirun* carcomer.

PIGTANGUA (pag. 2 nota)

Como nome dado ao diabo não é muito conhecido; sob as formas *pitâgua*, *pitangua*, *pitaoão* etc., é o nome dado á diversos passaros do genero *Lanius*, dos quaes um é vulgarmente conhecido pelo nome de *Bem-te-vi*, onomatopaico do grito que elle solta. Acho difficil a interpretação do nome d'este passaro, attento o grande numero de significados que tem os themas *pytâ*, *pytã*, e ainda os outros *gua*, *qua*, etc, e portanto muito ar riscada qualquer explicação.

Do nome do passaro passar á ser um dos designativos do «demo» parece-me natural, em vista dos habitos do passaro, que parece um espia ou espiao, que grita quando vê gente *bem-te-vi*.

PINACUJU (pag. 36)

Reportamo-nos ao que dissemos em *Panacuju* e *Anacuju* para se vêr que, ainda quando se admitta uma interpretação para um dado thema (*cujú* por exemplo) n'um vocabulo, logo depois apparece outro nome para o qual não serve o thema com a respectiva explicação.

Depois, quem é, e o que é que nos garante que por exemplo *Panacuju*, *Pinacuju*, *Piracuju* etc. não são uma e a mesma cousa? *Panacujú* na nota está *Raracuju*, questão de erro de escripta, e o mesmo se pode dar com as outras todas.

PIRACUJU (pag. 35)

Vêja-se o expellido no vocabulo precedente.

PIRAGUAYAQUIG (pag. 36)

Milita o mesmo que temos dicto de outros nomes que não

figuram nos autores. Neste porem notaremos que em Abaíçenga existe o adjectivo *piragua* valente, porflado, teimoso, e ainda *aguy* molle, frouxo, fraco; ali teremos porem *piragua-i-aguy* o forte-fraco, o valente-covarde (!!!).

Dizendo-se no texto que estes indios «vivem debaixo de pedras» occorre-nos com tudo a phrase *Pira-quar-i-oké* em buraco ou cova de peixe elle dorme.

PIRÍJU (pag. 38)

Está no mesmo caso de outros nomes, que não figuram nos autores, para que faltam indicações e que podem se reportar á themas diversos, mesmo no Abaíçenga. Basta para isto vêr-se *Puri*, e quanto ao sufixo veja-se *yo*, do qual pode ser *ju* alterado.

Quanto ao mais notaremos que em Abaíçenga pode explicar-se 1.º por *pira-jyg* couro rijo, admissivel em Tupi, porem em Guarani mais usado *pi-jyg* 2.º por *pira-jub* pelle amarella, porem mui usado *mbi-jub*, que descae para *mbi-jug* couro podre. Afinal notaremos que á este nome prepondo-se algumas dicções, dá elle phrases como *cho-pyri-jub* que está ao pé de mim, *oré-pyri jub* que estão ao pé de nós, *taba-pyri-jub* que estão ao pé da povoação, etc.

POTUO-GUARAS (pag. 30). Pitiguara (na nota). Potiguaras (mais abaixo).

Nome de indios Tupi de Pernambuco e do Rio S. Francisco, que nos dá occasião de vermos quanto é vã a tentativa de explicar o nome, quando o chronista não caracteriza alguma cousa da tribu e indica o porque da denominação. Além das tres formas acima, ainda se vê esse nome escripto Potyuára (Martius e P. Seguro), Pitagoar (G. S. de Souza), Potygoar (S. de Vasconcellos), etc., etc., prestando-se deste modo á bem diversas interpretações, de mais á mais divergentes na mesma forma, conforme os autores, como se vê em Potyuára dado como patronymico por Martius, e como significando «pescadores de camarões» por Porto Seguro, e nenhuma das duas exacta. *Poti* (e não *poty*) *uir*, alterado de *potiguar*, pôde significar «comedor de camarão», mas não «pescador», como diz P. Seguro; quando quizessem differenciar de outro nome os indios da lingua geral podiam exprimir a mesma cousa por *poti-uhdr*, porque *uhdr* é o particípio regular

de *ú* que também dá *guar*. Aqui temos *i* nasal, mas sem isso *Potiguar* pôde ser participio de *tepoti* fazer evacuação, donde *tepotihar* ou *tepotiguar* cagão. Com formação analoga á primeira, por via de *guar* participio de *u* comer, beber, ainda temos *Pety-guar* bebedor de tabaco (*Montoya*), fumista, fumador.

Na fórma que dá G. Soares de Souza, temos o substantivo *Pytaquar* o páo para conduzir carga sobre os hombros de dous peões, e também verbo « conduzir, carregar, transportar á dois ». Si este não dá para nome de tribu, ha ainda *Pitagua* ou *pitãgua*, nome de varios *Lanius* (que podia applicar-se á tribus) e hoje em Paraguayo significando « estrangeiro ». Como ha exemplos de *guar* em vez de *har* como suffixo de participio, podia ainda ser *pytaguar* por *pytahar* os firmes, os quedos, os que ficam, *Pyteguar* por *Pytehar* os chupadores, etc. Afinal, com *guar* suffixo contracto de *teguar* ainda se tem *Potyb-i-guar*, equivalente á *poty-i-guar* o que tem mão dura, o homem tenaz e o homem mesquinho, avaro; em vez deste ultimo é mais usado e mais regular *potyb-i-yara*.

PURI.

E' thema de numerosissimos nomes, que pôde reportar-se á diversos radicaes e que, de mais á mais, por si só apparece como nome de tribu. Pelo *Abañeenga*, mediante *abá*, *acé*, *mbya* etc. como substantivos seguidos de *puri* adjectivo, podiam se explicar muitos nomes, e da mesma maneira se concebe que empregassem simplesmente o adjectivo elidindo o substantivo. A significação mais propria então seria a de *Pyryb* mesquinho, de pouca valia, miseravel, e ainda de *Pyrybi* triste, tristonho; teimoso; tacanho; contumaz, sanhudo. Com esta ultima significação apresenta-se mais usado na fórma *mburú*, que também significa o maldito, máu, ruim etc. Cumpre porém notar que este thema figura em outras linguas com significações analogas e para não me estender apontarei apenas no *Kechua* *puru* falso, *purik* andejo, viajero, viandante (de *puri* andar), e mais outras proprias para designar tribus. No *Chilli* *muru-che* estrangeiro, que suggere um vocabulo da mesma significação com *po* adv. lá, uma posposição e *ahé* sujeito.

QUIGRAJUBÉ, na nota Quigraiube (pag. 36).

Este nome e quasi todos os que seguem, principiados por *Q*, não figuram nos autores. Com *themas kyr, ker, kyrá, kira, kyri* etc., fazem-se muitos nomes em Abaíeenga, dos quaes alguns pôdem designar tribus, porém com isso só nada adiantamos. Demais não ha no texto indieação alguma para induzir-se alguma explicação.

QUIGTAIO (pag. 36).

Veja-se o nome preecedente. Quanto ao mais, temos *kyta* -*nó*, botão, etc. em Abaíeenga, *kinta* nome de um beija-flor em Kechua, *queytaqui* um passarinho pardo e *quito* pomba em Aymarâ, etc., etc.

QUIPÉ na nota Cuigpe (pag. 36).

Vejam-se os dous nomes precedentes. Para mais emba-raçar ahi temos grande differença no nome como vem no texto, do que vem na nota. *Cuipé* vaso chato, em geral no Abaíeenga. Si em vez de *g* se achasse no nome *y*, teriamos talvez *Quypyí* irmã mais moça, e ainda se podia suppôr alterado de *Quybyr* irmãos mais moços ou primes.

QUIRICIGUI (pag. 36).

Vejam-se os nomes que precedem começados por *q*, e o que se segue á este.

QUIRIG (pag. 36) ou Guirig.

Nesta fórma parece nada ter de commum com *kiriri*, que tambem é nome de tribu; quanto ao mais, vejamos os nomes que precedem.

Em Abaíeenga ha diversos vocabulos que pôdem explicar este nome, como designativo de tribu, mas nenhum que possa suggerir a significação de « cavalleiros », como seria de esperar em vista do que diz o texto. Quando muito seria possível entender-se *kyrey* diligente, activo, expedito, ou *kerey* o que não dorme, notando-se que este último é o infinitivo do verbo, e que mais propriamente se diria *o-kercy-bae* o que não dorme.

QUIRIGMĀ (pag. 37).

Este nome parece-me que é evidentemente o adjectivo *kyreymbá* os valentes, os valorosos, os esforçados. Vê *Annaes T. VII.*

QUIGRIGMURÉ (pag. 37).

Como se acha no texto este nome designa logar, e si bem que o suffixo *poré* (preterito de *por*) não seja proprio para designar logar, parece que se podia interpretar *kyrey-mboré* pousio dos *kyrey*. (Vê *quirig*). Mas tambem é possível que o nome de tribu fosse applicado ao logar, e como nome de tribu tem analogia com *Quinimuré* ou *Quinimurá* indios navegantes do norte do Brasil. Mas o nome para designar navegante » com difficuldade admite uma composição como *yg-ari-pore* ou *yg-ari-mboré* moradores sobre aguas, em todo o caso mais toleravel que *Quini-mirá*—Leute zum Erb'rechen, ou *Guini-murá*—Feinde zum Anspeien, onde Martius inventa as dicções *murá*, *mirá* e *quini* com significados á seu geito. Na pag. 196 da Ethnog. de Martius, onde tracta dos Quinimuré, falla-se do uso de « escudos » por certas tribus, o que nos levaria á buscar a explicação do nome em Aymará, onde ha *querari* broquel, adargá, ou em Kechua, onde o verbo *kira* tambem significa « amparar ». Resta porém combinar o resto do composto.

TAGUAIGBA ou Taguain (pag. 2).

Orthographias arbitrarías de *taguaiß* em Tupi, mas que no Guarani é apresentado sob a fórma *taibaïß*. Este ultimo vocabulo é litteralmente *taïß-aïß* (visão má, phantasma ruim).

TACURU (pag. 34).

Não é nome que figure no rol de tribus dos autores e apenas podemos ponderar que corresponde á uma phrase em Abañeenga: *ta-i-icó-ñó*, ou *tab-i-heco-ñó* os que em aldeia estão quedos.

TAMUJA (pag. 31).

E' nome dos habitantes do Rio de Janeiro, escripto de varios modos, e muito geralmente conhecido na fórma *Tamoios* ou *Tamoyos*. Significando « avô, avós », Anchieta o escreveu *tamúya*, Figueira *tamyia*, Gonçalves Dias (Dicc. Braziliano, etc.) *tamuya*, França (e outros) *tamunha*, etc., etc. Como nome de tribu G. Soares de Souza o escreveu *tamoyo*, S. de Vasconcellos, idem, P. Seguro *tamoy*, etc., etc. Em Abañeenga ha *tamôï*—avô (Annaes da Bibl. T. VII) e *tamôï*—fundar povo, donde o participio *tamôï-hár*, no preterito *tamôï-hare*

aquelle que fundou povo, e deste participio parece-me provir o nome *Tamandaré*, *Tamanduaré*, *Tamanguaré*, etc., nome do Noé ou do Adão Tupi, segundo S. de Vasconcellos e outros chronistas.

Montoya explica o verbo por *tab-moin* aldeia collocar, mas eu noto que tambem podia ser *tam-moin* estabelecer patria, porque em *totam* o *te* é pronominal e podia cair. Demals, é intima a connexão entre *tab*, *tam*, e *eté* (Vê Annaes da Bibliotheca, T. VII).

O radical *ta* exprime « pluralidade » e variando as articulações e os sons, na fórma *eté* é adjectivo « muito, muito », na fórma *tab* é substantivo « povo », na fórma *eté* exprime « reunião, partido, parcialidade, tribu, patria »; parece-me que tem connexão com *tanta*, thema que no Kechua e no Aymará dá verbos o substantivos com o significado de « junta, juntar ».

No Chillidugu ha não só o verbo *thavn* (cuja pronuncia se approxima á de *tab* povo), mas ainda outro verbo *thapúma* (cuja pronuncia se assemelha á de *tapyi*—choça), que indicam ambos a significação de « juntar, reunir gente », o que tambem está implicito no verbo do Abaücenga *tamoin* fundar povo.

No Caraiba dá o Padre Breton (orthog. franceza) *tamoucou*, *támoupouc*, *itamoulou* — *grand père*, *mon grand père*.

A. d'Orbigny (L'HOMME AMÉRICAIN, Vol. II p. 319). tratando dos *Guarayós* (os actuaes e mais puros representantes dos indios que fallam o Abaücenga), diz que « a religião delles se reduz á venerar e não á temer um ser benefico, *Tamoi* avó, o ancião do céu ».

TAPUJA (pag. 32)

E' o nome generico com que no Brasil os incolos alliados aos europeus designavam as hordas adversas e principalmente as que não fallavam a lingua geral. Anchieta escreve *Tapia*, Figueira *Tapyyia* (o barbaro), differente de *Tapuia* (a choupana), G. Dias *Tapuya* e *Tapyiya*. Dr. França *Tapyyia*, G. S. Souza *Tapuia*, S. de Vasconcellos *Tapuya*. Porto Seguro *Tapuy* etc. Nos Annaes da Bibl. consideramos composto de *tapy-eyi* dos comprados, dos aprisionados, dos captivos a recua ou a chusma; mas vê-se que pode ser tambem *taba-eyi* a recua, a plebe do

povo, notando-se ainda que ha o termo *tapyi* choça, cabana, que pode ser alterado de *tog-pii* ou *to-pii* casa pequena, ou talvez de *tob* folha, com algum outro suffixo, notando-se que neste caso não deixa de ter connexão com *tapùl* folha (*ù* chileno sôa como *y* guarani) em Chillidugu.

TAPUNJU, na nota TAPECUIN (pag. 35)

Sem cousa alguma no texto que indique a significação é baldada toda e qualquer tentativa de explicação, mormente havendo tamanha differença nos dous modos de escrever, *Tapecuin* pareceria antes erro por *tapecuiu* (veja-se *cuyu*), o que induziria á *tapecoyá* reunidos em aldêa. *Tapunju* pareceria alterado de *tapyyia* e ainda outros mais.

TARAGUAIG (pag. 35)

E' nome que não figura nos autores, e quanto ao mais em Abañeenga faz lembrar *teraqua* famoso, com um suffixo não facil de explicar, ou *tirakua* por *cirakua* flecha, com um suffixo, talvez *ayg* hervado (aguado), conforme o sentido indicado no texto.

TAPIG-YMIRI (pag. 36)

Quasi litteralmente em Abañeenga *tapyi-miri* choça pequena, com tudo não dá para nome de horda. No texto referindo-se á anões ou pigmeus, parece que era mais proprio o nome *Tarape*, mencionado pouco antes d'este. (Veja-se *Tarape*). Pode-se conceber *ty-byy-miri* os baixos e pequenos, mas é preciso justificar a substituição do demonstrativo *ç* em vez de *y*, que era o proprio aqui. Afinal pode-se reportar ao termo generico *tapyi* (com que designam todos os tribus de raça diversa), seguido do qualificativo *miri*.

TAPUXERIG (pag. 37).

Não ha maneira de explicar este nome por «salteadores de roças», como suggeriria o texto. Demais, pode-se supôr alterado de outros, como *Tapicuré* (dado á indios do Tapajoz) etc. Suppondo-o formado como outro, mencionado no texto (*Tapig-ymiri*), pode-se interpreta-lo *tapyyi-cyry* o tapuia que escorrega ou se escafede, o adversario que se safa.

TARAPE (pag. 36).

Não figura nos autores e litteralmente temos *ta-rapè* o

caminho da povoação, o que nada significa para nome de tribu. No texto vem em seguida á este outro nome designando índios de pequena estatura, porém deve-se notar que justamente *tarapé*, alterado de *carapé*, é que servia para designar «os chatos, os baixos e truculentos».

TEOMEGMINÓ (pag. 31).

O particípio do verbo *men* formado pelo prefixo *temi* (T. VI e VII dos Annaes) é *temi-men*, e do verbo composto *menó* é *temi-menó* significando «o descendente, o neto». Como nome de tribu não vem em G. S. de Souza, e em S. de Vasconcellos parece que o nome que á este corresponde é *Tupymínó*, o que nos induziria a reporta-lo á *Tupí*, sem por ahí lhe acharmos explicação (Vê *Tupinamba*). Martius (Ethnographia pag. 191) diz que os *Temimínó* eram os índios visinhos dos Tamoyos, que habitavam nas terras de Ubatuba á S. Vicente.

TIPÉ (pag. 35).

Ha alguns nomes parecidos com este, dos quaes pode elle ter sido alterado, porém litteralmente nelle temos *ti-peb* nariz chato, que se costuma adoçar em *timbêb* e que podia servir para designar povo. Significação que tenha referencia ao «morarem nos campos» ou ao usarem de «flechas hervadas» só se pôde achar alterando muito o nome.

TUCANUÇO ou TUNACUNU na nota (pag. 33).

Não é nome que figure nos autores, nem ha cousa alguma que possa guiar na interpretação, tanto mais quanto se apresenta sob duas fórmas tão differentes.

TUPÁ e não TUPÁ (pag. 3), é o que deve ser.

Para que tenha explicação o significado attribuido ao vocabulo *Tupá* é preciso reporta-lo ao verbo *pá* (bater), que na terceira pessoa do modo permissivo faz *to-pá* (elle que bata); mas como designativo de um ser era natural que empregassem uma fórma participial como *o-pá-bae* e não o permissivo. Talvez se pudesse suppôr que o *t* do vocabulo seja, não o prefixo do permissivo, mas o *t* demonstrativo geral (aquelle que), mas seria preciso ver isso confirmado por maior numero de compostos identicos. Como se vê no Tomo

VII dos Annaes da Bibliotheca, Montoya explica o vocabulo por *tu* interjeição, e *pang* interrogativo. Nós, pelo contrario, entendemos ser um composto de *tub* (pai) e *ang* (alma), parecendo-nos que assim o vocabulo satisfaz ao sentido que lhe davam os indios (segundo a tradição) e ainda mais forma antithese com *aiüang* (o espirito do mal), tambem conforme a tradição. Comparada esta dicção com analogas em outras linguas americanas, não deixa de ter interesse.

« Dios fue tenido destes Indios (os Aymarás) uno à quien llamavam *Timmupa*, de quien cuentan infinitas cosas (Bertonio — *Vocabulario*) ».

Em Kechua *Tupa* cousa real, excellentè, principal, servia tambem para exprimir « senhor, cavalheiro ».

Ha em Chilli dicções analogas, porém cuja forma não é tão connexa.

Por outro lado cumpre notar que « demonio, diabo » em Kechua é *supay*, e em Aymarà *supáyo*. Sem a minima intenção de fazer aqui applicação da regra dos prefixos pronominaes do Abaíeenga, por demais notamos que o demonstrativo geral *t* se transforma em *r*, *h*, *gu* e que o *h* por vezes se torna *ç* ou *s*. Em Abaíeenga *supay* e *supayo* seriam os relativos das formas absolutas *tupa*, *tupayo*.

Em Kechua ha ainda *supan* sombra de pessoa ou de animal.

Veja-se na palavra *Tamuja* o que é bom deus *Tamoi* e reconhecer-se-ha que *Tupang* corresponde ao bom Deus destes indios, que não precisava de cultos. Elles faziam offrendas ao « diabo » para que lhes não fizesse mal.

TUPI.

O V. de Porto Seguro dá *Tupy* — tio paterno (pag. 104 da Hist. G. do Braz. 1854), entendendo que a palavra *Tupi* não se ligasse á paiz algum (no que estamos de accordo) nem proviesse, como se tem dicto, de um grande chefe desse nome, que regia a nação, quando ella ainda estava compacta (textualmente). Von Martius, reportando-se á S. de Vasconcellos diz que « War Tupi ein Ort, woher die Tupis gekommen und von dem sie den Namen angenommen hatten (Beitrag zur Ethnographie etc., T. I. pag. 170). Enganou-se, porque S. Vasconcellos diz: « Assim tambem entre estes In-

dios, de um Principal chamado Potygóar tomaram nome os Potygoares; de Tupy, que dizem ser o donde procede a gente de todo Brazil, umas nações tomaram o nome de *Tupinambas* etc. Este « donde » von Martius não percebeu que vale por « do qual » e entendeu litteralmente por « lugar de que ». Comtudo o nome *Tupinamba* até certo ponto se poderia reportar á *t-ibi-aba* (os que são gentes da terra), sendo *t* o pronome, e assim procederia o que disse von Martius. Por outro lado porém o V. de P. Seguro não deixa de ter razão traduzindo *Tupi* por « tio », pois com esta significação temos *tybyr* e *tuty*. O primeiro (*tybyr*-irmão ou irmãos mais moços), ainda que se possa reportar á *yryr* (fresco, novo, recente), comtudo não se adapta á explicação dos compostos *tupinamba*, *tupinã* etc.. e comparado com o segundo (*tu-tir* companheiro ou companheiros do pai), suggere a formação *t-yb-yr* os que acompanham o chefe, onde o suffixo *yr* (radical de *yru* acompanhar) é também radical de *tyr* (com *t* demonstrativo, o qual entra no thema *tuty*). Quem é que sabe porém si nos nomes compostos não houve muitas contracções e alterações, visto como a lingua é extremamente agglutinativa? A dar-se uma explicação de *Tupi*, deve ser aquella que satisfaça para explicar os outros compostos designando tribus, e isto nos leva ainda á outras considerações. *Tybyryça* é o nome do Martim Affonso, paulista, que se alliou á Anchieta, e litteralmente ahi temos *t-yby-yça* aquelle que é o maloral da terra, com intercalação de um *r* euphónico, e até talvez de um *r* que serve de posposição á *yby*. Em vez de *yça* pudera estar simplesmente *yb*, que também significa « chefe », e ahi teríamos *t-yby-yb* o que é chefe da terra, para thema dos compostos de *tupi*, que se pôde suppor agglutinado mudando um *y* em *u*, agglutinando dous em *i*, e mudando *b* em *p*.

Notando-se, porém, não só que a contracção de *t-yby-yb* em *tupi* é forte, como ainda que, á exemplo de *tybyryça*, não é muito admissível a composição de *yby* genitivo simples com *yb* (chefe de terra) e devera ser antes *yby-r-yb* chefe na terra, reporta-nos isto á *tub-yb* chefe ou principal dos pais. Nos nomes de tribus tendo por thema a dicção *tupi* veremos que não deixa de proceder a explicação de *tub-yb* chefe dos pais, ou tomando-se *yb* como adjectivo « os pais »

principaes ». Com um pouco de attenção na leitura das cousas antigas vê-se que havia nas tribus indigenas differença equivalente ao que havia entre os Romanos entre *patres* e *plebs* ou *populus*, e isto confirmado pelo estudo da lingua. Além de *abá* pessoa (em geral), homem no Abaãeenga, ha *mbyá* gente (em geral) e *teyi* turba, plebe.

Como já dissemos em outra parte, o nome *Tupi* pura e simplesmente, sem addição de outras vozes, nunca designou tribu alguma especialmente, não obstante figurar esse nome entre os 12 de tribus Tupis especificados por S. de Vasconcellos no § 151 do LIVRO I DAS NOTICIAS.

Na mesma fonte em que bebeu S. Vasconcellos beberam outros, dando *Tupi* como nome de tribu, e assim apparece também em Hervas (pag. 148 do CATALOGO DE LAS LENGUAS T. I.), onde até se dão como synonymos *tape* e *tupi*. A. d'Orbigny também dá a mesma cousa.

No ROTEIRO de Gabriel Soares de Souza não achamos tribu alguma designada pela palavra *Tupi* simplesmente. Veja-se em *Tupinaba* que o thema *Tupi* ainda se pôde reportar á *Tub-ypy* os antepassados.

TUPIGUAE (pag. 31).

E' possível que este nome designasse tribu? Temos quasi litteralmente *t-ópe-guar* = *t-ope-gua* os de casa, os que pertencem á casa, os caseiros, os domesticos, a gente de casa. A este nome podiam ajuntar um demonstrativo *ae* e então *Tupigua-ae* são de casa esses. Porém quem sabe si até não vem á ser esse nome o mesmo que Potiguar, por um metaplasmo facillimo entre *poti* e *topi*?

TUPIO (pag. 35).

Não figura nos autores. Com o thema *tupi* e o suffixo *yo* poder-se-hia suppor uma composição analoga á de *cari-yó* (Veja-se *Caijó*).

Comtudo, dizendo o texto que «moram em casas» lembra o thema *tope* em casa, mas neste caso o suffixo proprio do Abaãeenga seria *gua*, que é difficil admittir que se mudasse em *yo*. A' dar-se isto também se podia admittir para outros nomes (por exemplo *Tapunju*) identica alteração. Tal é a anarchia de escripta, que não seria de estranhar que este nome fosse erro por *Tapija* (*u* por *a*, *o* por *u*) e outros

que *taes*, e até por *tapeyá* o vaqueano, o conhecedor dos caminhos, ou ainda, com alteração de letras bem admissível, por *tubichá* grande, alto etc. (*p* por *b*; *j* por *ch*).

TUPINABA (pg. 31) mui geralmente escripto *Tupinamba*. De todo não procede a explicação dada pelo V. de P. Seguro, de Martius etc., e elles inventaram o termo *mba* significando « varão illustre » e não sei que mais. O termo existente no Abañeenga, que alguma semelhança tem com *mba*, é *mbya* o significa « gente » (T. VII dos Ann. da Bibl.); e como os Tupis, ao inverso dos Guaranis, tendiam a completar as syllabas (meu pai *che-ru* em guarani, *che-ruba* em tupi), parece que á *mbya* se filia ou *myrá* ou *mbyra* da costa oriental da Sul-America.

Reportando-nos ao expendido no vocabulo *Tupi*, parece que *Tupinamba* pode ser *tub-yba-i-mbya* e a posposição *i* que rege *tubyba* tambem póde ser *ri*, que por euphonia pode tornar-se *ni*, e deste modo *tub-yba-ni-mbya* quer dizer « a gente attinente ou adherente ao chefe dos pais, ou aos pais principaes ». Lery (com a sua orthographia) acrescenta alguma cousa ao vocabulo, de modo que temos *Tupinambau* ou *Tupinambaúbae*, isto é o mesmo nome *Tupinamba* mais o pronome *au* ou *aúbas* (estes *taes*)

Não se podem com tudo deixar de notar ainda algumas particularidades no modo de escrever de Lery. A orthographia especial e differente da portugueza deste ingenio e leal narrador conduz sempre á uma interpretação dos vocabulos muito mais concludente. Elle escreve *Tououpinamboultis* e tambem *Tououpinambaoultis*, onde as tres letras finais *ltis* para mim não tem explicação, e apenas posso reportar a uma especie de suffixo eom que costumavam terminar as phrases, dizendo ora *te* ou *ta*, ora *tac*, ora *tahé*, *tohé*, exprimindo uma insistencia na affirmativa. Quanto ao desdobramento do nome *Tupi* em *touúpi*, ou *tuypy*, leva-nos á *tub-ypy tu-ypy* (os antepassados, os avós), á que é applicavel a composição que acima vem expendida para o nome todo *Tupinamba*.

Notemos tambem que os Tupinambas da bahia de Guanabara são os Tamoyos dos escriptores portuguezes, e veja-se o que expendemos na palavra *Tamuja*. Não se deve passar por

alto que os que fallavam o Abaíeenga na costa do Brazil, sempre que tractavam de dizer quem eram aos Europeus diziam-se *Tupinambás* no Rio de Janeiro, na Bahia, no Maranhão, ect.

TUPINAQUIM (pag. 31)

O visconde de Porto Seguro define « *Tupis* vizinhos, contiguos, limitrofes » e segue-o nesta explicação von Martius. Este nome apparece escripto de modos muito differentes, que procuraremos resumir ás formas *tupiniki*, *tupinike*, *tupinaki*, *tupinoki*, *tupinamke*, e poucas mais variantes. Ao thema *Tupi* com a pospositiva *ri* ou *ni* ou *n* podia ser ajunctado um designativo *ike* (collateral) ou *iki* ou *oki* (derivado)? Qualquer dos dous poderia satisfazer ao significado, e aquí cumpre apontarmos ainda alguns nomes. como *uqui* (cunhada), *tyké* (irmã mais velha), *tekeyra* (irmão mais velho) e ainda outros. que naturalmente se reportam ao mesmo radical, e que exprimem parentesco collateral, e que em outros nomes vão engendrar expressões para dizer « galho, renovo, rebentão etc. » Afinal não podemos passar por alto que Lery, designando quasi sempre os Tamoyos com os quaes conviveu no Rio Geneure (Genevre ou Genebara) por *Tooupinambauults*, no capitulo VIII os designa pelos *nos Tooupinamkunins*, em vez de *nos Americains* ou nos *Tooupinambauults*.

ТУПОЯ (pag. 10) e na nota ТУПИЯ, apparece ainda sob as formas *tupoi*, *tupai*, *tipói* e pôde ser reportado já a *pai* ou *mbai* e já á *uba* (V. Tomo VII dos Annaes Bibl. Nac.). A forma *Tupiya* é muito incorrecta e tende á fazer confundir com *Tapiy* (choupana), que se refere á outro radical.

VIATĀ (pag. 30)

Não vem nos autores nome de tribu que se pareça com este. Em Abaíeenga *ui-ātā* litteralmente é « farinha dura, ou mui torrada ».

Parece pois que, como nome de tribu, seja antes alterado de *my-ātā* ou *py-ātā* forte, rijo, tenaz, renitente, esforçado.

Yo ou Yoc ou Yok.

O Sr. frei Honorio Mossi no seu vocabulario do Kechua, logo depois de definir nesta lingua « calções » (*huara*—pañetes ó zaraguelles estrechos), diz « *huara-yoc* el que los trae (sc.

estos pañetes ó zaraguelles) ». E em seguida declara : « de aqui ei nombre de los indios *Guarayos* ó *Guarani* tomado esto segundo del Aymará; *ni* em Aymará equivale al *yoc* de la Quichua : *Huarani* e *Huarayoc* son lo mismo y conviene muy á proposito á los indios, que vivian desnudos y no llevaban mas que el *tapa-rabo* ó pañetes bajos. »

A composição *Huara-yoc* em Kechua está exacta, visto como ambos os themas pertencem á lingua. Porém, sem embargo de ser o Aymará muitissimo connexo com o Kechua, com tudo já não é licito tanta liberdade de composição. Em Aymará *huara* é thema de um vocabulo que significa « estrella » e de um verbo que significa « espantar ». Não conheço bem o modo de composição para afirmar que *huara-ni* pudesse exprimir « brilhante » (como estrella?) ou « espantoso ».

Admittida porém a explicação dada por Mossi, temos em Aymará para exprimir « calções » *vecara*, e por conseguinte *vecarani* correspondendo em Aymará á *huarayoc* em Kechua.

Acho aceitavel isto até certo ponto. Com effeito a lingua geral ou o Abaíçenga é designada igualmente por *guarani* e por *tupi*, e talvez ainda ethnologicamente representem os dous vocabulos o mesmo povo, a mesma raça. Os indios desta nacionalidade (como se vê nos respectivos artigos) quando fallavam de si, designavam-se por Tupinambá, Tamói, etc.

Assim, parece que o nome de *Guarani* lhes era dado por outros. E como até as missões do Paraguay foram á principio sujeitas ao Geral do Perú, é muito natural que de lá lhes viesse a denominação de *Guaranis*, trazida pelos hespanhóes do Perú. Não me parece cousa muito de estranhar não só a mudança de *Huarayoc* em *Guarayó*, nem a agglutinação de *Vccarani* em *Guarani* (veja-se tambem o expellido em *cara*). E ja vimos tambem que (A. d'Orbigny L'HOMME AMERICAIN) *Guarayó* é o nome dos ultimos indios que fallam o mais puro Abaíçenga no interior, quasi no centro da America do Sul.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).